

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – Campus II
CURSO DE GRADUAÇÃO: **HISTÓRIA**
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
PROFESSOR: ALARCON AGRA DO Ó
ORIENTADOR: ZENON SABINO DE OLIVEIRA
ALUNO: ALEXANDRINO RODRIGUES LIMA
MAT.: 961.3136-4 PERÍODO: 2000-2

RELATÓRIO

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

TEMA:

“ A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA NO
ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA ”

CAMPINA GRANDE, ABRIL DE 2001



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

AGRADECIMENTOS

À minha Mãe
(em memória)

Um dia, uma perda, e a dor porque você partiu cedo demais e não está presente em vida para partilhar comigo dessa alegria, desse momento de felicidade, mas sinto a sua presença, seja no pôr do sol ao anoitecer, no perfume que exalava das rosas, nas gotas de chuvas que fertilizam a terra, no orvalho da manhã que inaugura um novo dia. Obrigado, serei eternamente grato a você por mais uma conquista significativa para mim.

À meu Pai

Apesar da distância sua voz sempre me confortava, me acalentava e me incentivava nos momentos mais difíceis e sempre lutar para conseguir que se concretize meus objetivos. Apesar de sua pouca instrução formal você, como poucos, tem a sabedoria e discernimento de ver na educação a maior riqueza que alguém pode Ter na vida. Muito, muito, muito obrigado mesmo papai.

À minha Noiva

Pela sua dedicação e disposição de sempre estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida estudantil acadêmica, tanto bons quanto ruins e, sempre acreditar na minha capacidade intelectual.

Aos meus amigos

Não existe tesouro maior do que possuir amigos alegres, sinceros e leais e sempre dispostos a tornar todas no “cantinho universitário”. A você Júnior, que sempre divide os problemas da Universidade comigo e os fora dela; Clarindo, que com as suas brincadeiras criativas e sinceras, sempre animou nossas conversas; Sérgio, mestre em MPB, do seu jeito singular e especial e, até com seu silêncio fez história. À Isabel, Uelba, Maiza, Rosemary, Aínda, Gladys, Cida, Alisson, Carlos Cavalcante, Harry Charriery e todos os demais colegas do curso.

Aos professores.

A todos os professores que ajudaram a edificar os alicerces do meu conhecimento e, em especial, Zenon, Alarcom, Luciano, Benjamim, Celso, Nilda.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. O OBSERVAÇÃO E O FATO SOCIAL
3. A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA NIO ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS
5. BIBLIOGRAFIA
6. ANEXOS

1 - INTRODUÇÃO

Este relatório narra a nossa experiência como professor/ estagiário na Disciplina Prática de Ensino – Estágio Supervisionado, a partir de um eixo temático escolhido que versa sobre a influência da estrutura física da escola em dimensão material e humano sobre o ensino e aprendizagem por parte do aluno.

Como desenvolvimento dessa problemática dividimos o relatório em duas partes, sendo que no primeiro capítulo procuramos teorizar a observação que foi o nosso contato inicial que tivemos com a escola, e o segundo aborda o eixo proposto pela observação anterior e a dificuldade no cotidiano na sala de aula.

A escola do qual esse relatório é fruto se localiza no Bairro das Malvinas, de nome Dom Luiz Gonzaga Fernandes, da rede pública estadual, do qual já atuamos como professores do ensino fundamental.

2 - A OBSERVAÇÃO E O FATO SOCIAL

Como o próprio nome sugere, observar, significa olhar atentamente ou examinar com minúcia qualquer fenômeno que possua algum valor relevante para a compreensão da realidade em toda a sua complexidade.

No nosso caso específico, o de estudantes da disciplina Prática de Ensino do Curso de História e futuros professores, esse ato, de observação, assume um significado ainda maior, pois falamos de um lugar social (historiador) e é este lugar que nos permite conceber a escola em sua historicidade, ou seja, perceber que esta é imutável no tempo e espaço, como também um palco na qual interagem diferentes sujeitos.

Nosso primeiro contato com a escola foi através dessa observação inicial, conhecendo seus personagens atuantes como professores tanto de história como de outras disciplinas, funcionários, alunos, ambiente físico como salas de aula, biblioteca, banheiro, sala de professores do Colégio Estadual do Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes, que se localiza no bairro das Malvinas.

A observação, nesse sentido foi fundamental pois como ressalta Lokatos, ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não tem consciência, mas que orientam seu comportamento”¹. Como é pensada e organizada a escola influencia diretamente no perfil de cidadão que se deseja construir.

Cientes, então, da importância da observação como uma estratégia bastante eficaz e que está possui vantagens e limitações, resta-nos saber o que devemos observar, já que a escola proporciona um leque de problemas para investigação.

Temos a consciência de que não vamos encontrar todas as respostas de forma definitiva já que, pela própria dinâmica social, os problemas sempre se redefinem necessitando que essas intervenções também sejam redirecionadas dependendo de seu contexto específico.

Entendemos que os fenômenos observados são fatos sociais, termo utilizado por Durkheim “ para designar mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade por menos que apresente, com certa generalidade, algum interesse social.”²

O fato social é observável , por exemplo, quando se desempenha uma tarefa de irmão, de cidadão, isto é, quando se cumpre deveres que já estão previamente estabelecidos e definidos através dos costumes.

A educação, dessa maneira, é a responsável por disseminar em um meio individual normas, valores, crenças, que orientarão minha conduta dentro dessa coletividade, é como afirma Durkheim, “o sistema de signos de que me sirvo para exprimir meu pensamento, o sistema de moedas que emprego para pagar minhas dívidas os

¹ LOKATOS, Eva Maria. Fundamentos da metodologia científica IN: observação direta intensiva. 3 edição revisada e ampliada. São Paulo. atlas, 1991. pag. 191

² DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In.: O que é um fato social? Editora Martins Fontes. São Paulo. 1995, coleção tópicos. p. 01

instrumentos de créditos que utilizo em minhas relações comerciais, as práticas observadas em minha profissão etc, funcionam independente do uso que faço deles”.³

Inserido nesta lógica nos propomos a estudar como a estrutura física da escola é uma peça que auxilia a impor maneira de agir, pensar, sentir exteriores ao indivíduo.

Quando se observa os fatos sociais relativos a educação, percebemos que está consiste no esforço contínuo para impor a criança, adolescente e adulto, maneiras de ver, de sentir e de agir as quais ela não teria chegado espontaneamente, lembremos que desde os primeiros anos de vida, somos educados a comer, dormir em horários regulares e mais tarde aprendemos a respeitar os costumes, forçados a trabalhar, a escrever relatório de prática de ensino para ter um diploma de graduação, etc.

Diante disso chegamos a conclusão de que a educação tem por objetivo produzir o ser social. O indivíduo sofre pressão a todos os instantes do meio social que tende a modela-lo a sua imagem.

Uma das características fundamentais de um fato social é o poder de coerção externa que exerce e é capaz de exercer sobre os indivíduos. Essa coerção é fácil de ser constatado e identificado porque se traduz por alguma reação direta ou sutil da sociedade, como é o caso em relação ao direito, moral, inclusive até a própria moda que normaliza conceitos de bom, ruim, belo, feio, etc.

No entanto, existem regras relativa a observação dos fatos sociais e cujo o princípio orientador é considera-los como coisas que, segundo Durkheim “o homem não pode viver em meio às coisas sem formar a respeito delas, idéias de acordo com os quais regula sua conduta”, ou seja, os fenômenos sociais obedecem a uma ordem preza pela reflexão e formulação de teorias que dão sentido à realidade fazendo com que esta se torne inteligível.

A primeira regra diferente ao fato social é abandonar as prenoções, isto é, o cientista social no momento em que determina o seu objeto de pesquisa deve evitar de utilizar conceitos que se formaram fora do campo das ciências e que nada tenham de científico.⁴

A Segunda regra preza pela definição da natureza das coisas, esclarecendo do que se trata e que se saiba o que está em questão, o fenômeno social em si, a escolha, o recorte temático escolhido para reflexão.

A terceira e última regra diz respeito a objetividade, afastar os dados de serem demasiado pessoais ao observador e enfatizar exclusivamente os que apresentam um suficiente grau de objetividade, isto é, os caracteres exteriores em função dos quais ele define o objeto de suas pesquisas devem ser tão objetivas quanto possível.

Portanto, os cientistas sociais devem Ter precaução na observação dos fatos, nas regras que devem presidi-las e a maneira como os principais problemas são colocados e o sentido na qual as pesquisas devem ser dirigidas para se Ter uma investigação satisfatória.

³ Idem. pág. 02

⁴ Idem. pág. 15

3 - A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

O recorte temático proposto nesse relatório foi fruto da observação feita na Escola Estadual De Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Fernandes localizado no bairro das Malvinas no turno da noite com a Sexta série do ensino fundamental e o segundo científico do ensino médio.

Consideramos como estrutura física da escola o seu espaço que pode ser operacionalizado para viabilização de um projeto educacional englobando sala de professores e alunos, biblioteca, televisão, vídeo cassete, banheiros, etc.

Temos consciência de que nossa observação é limitada e não consegue dar conta de toda a complexidade que a escola corporifica porque, como ressalta Nilda Alves e Regina Leite Garcia “a escola da qual tantos falam é uma simplificação a partir de um paradigma reducionista que ignora tudo o que se passa e se cria nesse espaço \ tempo de aprender e ensinar de relação de subjetividades, de encontros e desencontros, de socialização.”⁵ Fala-se muito da escola, mas de fora dela e mesmo quando estamos atuando dia-a-dia ministrando aulas não levamos em consideração a multiplicidade de experiências individuais e coletivas que norteiam os grupos diversos ali inseridos.

O ensino da disciplina História na escola é marcada por vários obstáculos e desafios quotidianamente enfrentados pelo professor, e para nós o maior deles é expressado pelo fato de a criança, adolescente ou adulto viver no presente, eles não conhecem outro lugar que não seja agora e este é o drama do profissional de História, atualmente de primeiro e segundo graus, ou seja, contribuir para que o aprendizado de tempo e espaço não se reduza a decorar datas e nomes alimentando vícios e conteúdos comprometedores para o pensamento do adulto.

Com que recursos podemos lutar para mudar essa triste e desesperada realidade? Será que a escola, como está organizada, estimula a livre discussão das idéias e a participação ativa dos alunos ou a obediência cega e passiva? Ou melhor, será que os recursos materiais e humanos oferecidos pela escola contribuem pelo menos para uma aula inteligível?

É claro que com essas indagações não queremos afirmar que o profissional competente seja “drogado” por essa estrutura, mas será que já paramos um pouco para refletir onde estão atuando esses profissionais? Com certeza estarão em instituições que forneçam o mínimo de estrutura para desempenhar um bom trabalho.

Na Sexta série, por exemplo, percebemos a nítida diferença de se trabalhar somente com o quadro e giz, no capítulo 1, referente ao Declínio do Feudalismo, e utilizar esquema digitado e xerocado distribuído com os alunos acompanhado com a orientação de mapas no capítulo sobre o Renascimento Comercial, no capítulo 2.

No primeiro capítulo escrevemos no quadro as idéias principais, porque eles não lêem em casa, se quer um parágrafo e o desinteresse é quase geral por aquilo que estava sendo exposto. Em relação ao segundo capítulo a diferença era visível, pois envolve um maior envolvimento e participação através de perguntas envolvendo dúvidas. Veio até na

⁵ ALVES, Nilda e Garcia, Regina Leite. (Org) A invenção da escola a cada dia. Rio de Janeiro. DP&A. 2000. pág. 07

lembrança a afirmação de um senhor chamado Francisco Dionízio Filho, nascido em 1950 após a utilização daqueles recursos citados anteriormente, “meu filho, a aula agora está melhor que antes”, acompanhado com uma expressão de riso e satisfação de Ter realmente, naquele momento compreendido alguma coisa.

Por isso que concordamos com Nilda Alves e Regina Leite Garcia na sua feliz afirmação que “é preciso compreender a complexidade da escola para melhor atuarmos e influirmos naquilo que nela acontece – o processo pedagógico” procuramos inicialmente sentir o que seria uma aula munido com ferramentas ultrapassadas para com base na reflexão feita sobre uma mesma aula apresentar soluções palpáveis e viáveis no que diz respeito a transmissão daquele conhecimento.⁶

Considerando que nesses dois momentos, apesar dos recursos serem diferentes, a aula foi um misto entre aula tradicional e uma proposta alternativa baseada em discussões acadêmicas como por exemplo, o medo que permeava a mentalidade da sociedade sobre o oceano, a discussão sobre o Renascimento como um marco que inaugura o Período Moderno bem como o que significa esse marco para a historiografia. É claro que essa discussão foi feita no diálogo com o capítulo do livro utilizado pela turma, afinal não é Nilda Alves que mostra “como ao mesmo tempo e no mesmo espaço em que políticas públicas são implantadas, inúmeras alternativas vão sendo fabricados por quem vive e sofre o cotidiano escolar, criando e refazendo aparecer lindas cores, formas e sons, sempre novos, nestes espaços/tempos que outros e outros ser sempre iguais.”⁷

Vale ressaltar que essas outras discussões que vaia além do livro didático foram feitos de forma simples e básica construindo uma ponte entre o conteúdo referente ao capítulo e essas novas abordagens.

Mas as dificuldades foram muito grandes principalmente no que diz respeito ao pensamento e reflexão acerca do assunto proposto. A maioria para não dizer todos, não conseguir ultrapassar as fronteiras que demarcam o conteúdo, estão condicionados de tal forma que qualquer pergunta que se faça, eles tentam encontrar a resposta no conteúdo do livro, mesmo sendo uma pergunta simples que se encontre em muitas vezes na explanação. Não que a culpa dessa deficiência sejam deles mesmo porque não estamos procurando culpados, queremos apenas entender que existe e persiste essa deficiência que, com certeza, posteriormente, ecoa na Universidade, principalmente na elaboração de teses, monografias ou relatórios, como esse que estou elaborando agora.

De acordo com Ivani Catarina Arantes Fazenda “o aluno que foi preenchador de questionários, fechados na escola de 2º Grau sem Ter no nem mesmo os rudimentos básicos para resumir. Resumir acaba significando torna pequeno e, tudo se passa como se a grande problemática da compreensão de um texto se reduzisse a questão tamanho (diminuir ou ampliar)”⁸

Diante disso poderia até surgir um questionamento baseado na seguinte indagação: Por que existe dificuldade no alunos de graduação quanto à organização do pensar, escrever evidenciados em seus trabalhos já que a Universidade possui uma estrutura física bem melhor do que muitas escolas públicas? Existe sim um descompasso entre essas duas estruturas, mas permanece àquele problema simplesmente porque foi mostrado durante

⁶ ALVES, Nilda e Garcia, Regina Leite. (Org) A invenção da escola a cada dia, Rio de Janeiro. DP&A, 2000, pág. 10

⁷ Iden, pág. 15

⁸ FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Prática de Ensino Supervisionado In.: O papel de estágios nos cursos de formação de professores. Campinas – São Paulo. Papiros, pág. 54

que aprender e decorar são sinônimos, ou seja, no caso de História, basta se decorar personagens heróicos e vilões, acontecimentos importantes, marcos, datas e armazená-las na memória, lembrando sempre que necessário. História, ao nosso ver, incorpora esse termos oficiais e aqueles que ficaram à margem dessa História, elitista ou como diria Foucault: “os homens infames”, aqueles sem fama que foram negligenciados e colocados no esquecimento.

Ainda discutindo sobre a importância de se Ter uma estrutura adequada podemos citar como exemplo do nosso cotidiano na UFPB, a relação do primo rico e do primo pobre que se estabelece entre o CH e o CCT, será que os alunos da tecnologia não mais inteligentes e competentes do que os de humanas, por isso seus projetos se destacam em nível regional e nacional? Óbvio que não, pois o que difere os dois centros, neste aspecto, é a estrutura de laboratórios, computadores e bolsas de estudos e pesquisas que é muito superior em termos qualitativos e quantitativos. Seria quase o mesmo de mandar para uma guerra um soldado do CH com uma pistola de seis balas enferrujadas enquanto o soldado do CCT estaria com uma metralhadora AK – 47, capaz de disparar muitos tiros por segundo.

Nós não estamos duvidando da capacidade do corpo docente do curso de História em formar professores competentes principalmente no que diz respeito a pesquisa. O problema é que um profissional de história não se restringe só a pesquisa esquecendo, na maioria das vezes do educador, ou seja, criou-se muitas utopias que se restringe aos muros da Universidade sem Ter a preocupação de adaptar essas mesmas utopias para a realidade das escolas públicas.

Na verdade criou-se e recria-se a cada momento um abismo que separa o saber histórico produzido na Universidade daquele que é posto em prática na sala de aula das escolas.

Seria no caso, a dicotomia entre a teoria e prática e o espaço do estágio, pelo menos teoricamente, deveria supor uma produção de conhecimento e não se limitasse a uma pura transferência e aplicação de teorias e conteúdos, e como destaca Piconez “uma teoria colocada no começo dos curso e uma práticas colocadas no final deles sob forma de estágios supervisionados, constituem a maior evidência da dicotomia existente entre teoria a prática. Dessa forma, as orientação do estágio têm sido dirigidos em função da atividades programadas a priori, sem que tenham surgido das discussões entre educador e educando no cotidiano da sala de aula.”⁹

Novamente voltamos a questão estrutural de como está organizado as disciplinas curricular no curso de História, pois o conhecimento da realidade escolar através dos estágios não tem favorecido reflexões sobre uma prática criativa e transformadora, nem possibilitando a reconstrução de teorias que sustentem o trabalho do professor.

Diante disso trona-se necessário que se faça uma revisão do perfil do professor de História e do próprio saber gerado na Universidade. Ao nosso ver e a partir da pouca experiência que temos em sala de aula percebemos que não adianta construir intervenções pedagógicas revolucionárias que nunca serão viabilizadas na escola por causa do descompasso estrutural e por serem duas realidades com características distintas.

Os alunos da prática de ensino passaram pelo curso de graduação e aprendizagem diversas habilidades tais como fazer resenhas, análise historiográfica e, as vezes, ensaios até de monografia, saberes extremamente válidos, só que não tivemos um treinamento específico de como atuar e intervir nas escolas de rede oficial, principalmente nos cursos noturnos,

⁹ PICONEZ, Stela C. B. (Coord) Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Campinas, São Paulo – Papiros, 1991, pág. 17

que possuem condições muito precárias de infra-estrutura e como analisa Rosa Kulcsar, “considerando que a escola mudou e que sua realidade exige um quadro teórico de reflexão mais dinâmico, que ela pode ser vista tanto como reprodutora das desigualdades sociais quanto capaz de modificar essas relações, devemos estudar essas contradições e examinar as condições que poderão facilitar a produção de resultados educacionais que favoreçam o atendimento da população escolar. É necessário uma revisão da prática do professor, do próprio saber gerado na Universidade que quase sempre retrata uma reprodução reinterpretada.”¹⁰

O planejamento que fizemos se trona um exemplo disso porque dos três capítulos do conteúdo recortado, conseguimos trabalhar apenas com dois, A FORÇA DO COMÉRCIO e PORTUGAL: REI E COMERCIANTES UNIDOS, em relação à 6ª série, negligenciando o terceiro “PORTUGAL SAIU NA FRENTE”. Como estratégias didáticas além da aula expositiva preferimos utilizar esquemas de apresentação digitado e xerocado para distribuir aos alunos, substituindo os cartazes que dariam mais trabalho e tempo para os alunos copiarem. Infelizmente os Slides não foram possíveis, sendo utilizado mapas para tentar suprir a falta desses Slides juntamente com o poema de Fernando Pessoa que também faltam porque fica muito difícil levar um projetor de Slides ou um gravador quando se locomove de ônibus. No último capítulo que não conseguimos realizar mostramos um filme: “1492 A DESCOBERTA DO PARAÍZO” e a leitura de um texto complementar “Ritos de Crueldade”, para reflexão. A avaliação também foi alterada, pois ao invés de cobrar, ao término de cada capítulo, um resumo de qualquer capítulo, um resumo de qualquer aspecto que envolvesse e interessasse o aluno do que foi exposto, substituindo pela seguinte pergunta: **“POR QUE O RENASCIMENTO É CONSIDERADO UM EVENTO HISTÓRICO INAUGURAL DO PERÍODO MODERNO CITANDO EXEMPLOS DE TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NESSE PERÍODO?”**

¹⁰ KULCSAR, Rosa. Prática de Ensino Supervisionado. In.: O Estágio Supervisionado como atividade integradora. Campinas. São Paulo. Editora: Papirus. 1991, pág., 64

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos durante os capítulos anteriores tentar superar as nossas limitações de alunos e buscar fazer o diálogo entre a realidade escolar em suas múltiplas facetas e a bibliografia proposta.

Confessamos que não foi fácil adentrar no pensamento daquele diversos teóricos da educação e descobrir um mundo de significados que nos permite tornar a realidade inteligível, mesmo assim, persistindo, com muita dedicação esforço de nos aprimorarmos a cada dia.

Nos esforçamos em levar para escola alguns recursos oferecidos pela Universidade como projetor de Slides, esquemas digitados, mapas referentes ao conteúdo, mas parece-nos que a própria experiência de estudante do aluno o condiciona a sempre querer que o conteúdo seja trabalhado da mesma forma apenas com a simples leitura do mesmo e, posteriormente, fazer o exercício e retirar as questões para a prova desse mesmo exercício.

Parece-nos que desde o meu tempo de estudante do ensino fundamental as coisas permanecem da mesma forma no que diz respeito a disciplina história. Ficamos até um pouco frustrados quando chegou um grupo de alunos e disseram que, a véspera da prova, não entendem nada, porque costumavam trabalhar daquela forma anteriormente citada. Mas tiramos uma lição disso, pois não adianta revolucionar nada, temos que iniciar dando aquela mesma aula tradicional e aos poucos incorporar outros recursos didáticos, outros elementos novos na discussão de História.

Esse é um processo lento e demorado, e o resultado se dar a médio e a longo prazo e não da noite para o dia. Aliás, perder a batalha não significa dizer que a guerra está perdida, isso nos motiva ainda mais para traçarmos melhores estratégias de ensino.

Os obstáculos que enfrentamos diariamente é o desinteresse dos alunos pela disciplina História. Nós não os culpamos, porque aquela história nem é deles, tão pouco pertencem a eles nem a nós. Não nos sentimos contemplado naquela história, pelo contrário, nos sentimos marginalizados e totalmente excluídos de sequer termos uma memória. No entanto, a partir dessa podemos utilizar a pesquisa para resgatar a sua história, de sua rua, de seu bairro e dos fatos mais significastes para eles, em fim, que eles se identifique.

Ficamos gratificados quando notamos que ouve um aprendizado do conteúdo e que este serviu para reflexão do aluno, sobre questão do presente e isso ocorreu na 5ª série sobre a História e sua relação com o passado – presente – futuro, ou seja, conhecer o passado para entender como se organiza a sociedade no presente e planejar o futuro de forma a evitar os erros.

Estava ocorrendo uma eleição para a diretoria da escola e havia duas chapas concorrentes e um aluno citou como exemplo, que devíamos recuperar o passado da que estava na atual diretoria, esta era uma que estava disputando a reeleição, e observamos se ele conseguiu realizar o que tinha se comprometido na eleição anterior. Paramos a aula, e fomos discutir o passado das duas chapas para ajudar na hora da votação sobre qual mereceria o voto dos alunos. Isso foi muito legal, por que nos permitiu instrumentalizar o conteúdo proposto na aula de história, para uma situação vivida no presente.

Concluimos que desafios e obstáculos sempre enfrentaremos a todos momentos, durante toda a nossa carreira como profissional, mas devemos sempre enfrentá-las com muita criatividade e inteligência de propor mudanças na hora certa.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- /// ALVES, Nilda e Garcia, Regina Leite. (Org) **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000
- /// COTRIM, Gilberto. **História & Consciência do Mundo**. da Idade Moderna ao Mundo Atual. Primeiro Grau: Primeiro Grau, 8ª Edição. São Paulo, Editora Saraiva, 1996
- /// DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. In.: O que é um fato social? Editora Martins Fontes. São Paulo, 1995, coleção tópicos.
- /// FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Prática de Ensino Supervisionado** In.: O Papel de estágios nos cursos de formação de professores. Campinas – São Paulo. Papiros.
- /// FERREIRA, José Roberto Martins, 1950. **História**. 6ª série/ Martins Editora. Reformulado. São Paulo: FTD, 1997
- /// LOKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica** IN: Observação direta intensiva, 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo, atlas, 1991,
- /// KULCSAR, Rosa . **Prática de Ensino Supervisionado**. In.: O Estágio Supervisionado como atividade integradora, Campinas, São Paulo. Editora: Papiros, 1991
- /// PETTA, Nicolina Luiza de. **História uma abordagem integrada**. Volume Único, Primeira Edição, São Paulo: Editora Moderna. 1999
- /// PICONEZ, Stela C. B. (Coord). **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado**. Campinas , São Paulo – Papiros , 1991, pág. 17

6 - ANEXOS

② As feiras concentravam em um só local muita gente: prestadores de serviços, artistas ambulantes, prestítes... A medida q/ o comércio exercia, as feiras que funcionavam apenas durante uma época do ano se transformavam em locais permanentes de comércio e produção (ARTESANATO), ou seja, EM CIDADES

CAPÍTULO 2

A força do comércio

A Europa se transformou

Como vimos, na Europa, durante os séculos XI, XII e XIII, aconteceram grandes transformações. Na nova sociedade que estava se formando, a riqueza já não vinha exclusivamente da terra, mas também do comércio e das atividades artesanais.

Os comerciantes e artesãos formaram associações para defender seus interesses. As *guildas* eram corporações ou associações de pessoas de uma mesma profissão. Havia então a guilda dos pedreiros, dos sapateiros, dos tecelões e assim por diante. Elas tinham a finalidade de prestar ajuda aos membros em caso de necessidade, defender o prestígio da profissão, controlar preços, qualidade, estabelecer normas e obrigações para os membros e regras para se ingressar na profissão. A guilda de uma cidade, por exemplo, impedia que profissionais de outros lugares viessem trabalhar aí.

Defina: Defina o termo de profissão - o profim de qual de trabalho feito de um seto



Artesão medieval fabricando vidro. O comércio estimulou o artesanato

St. John Mandeville Book of travels Século XV Museu Britânico Londres



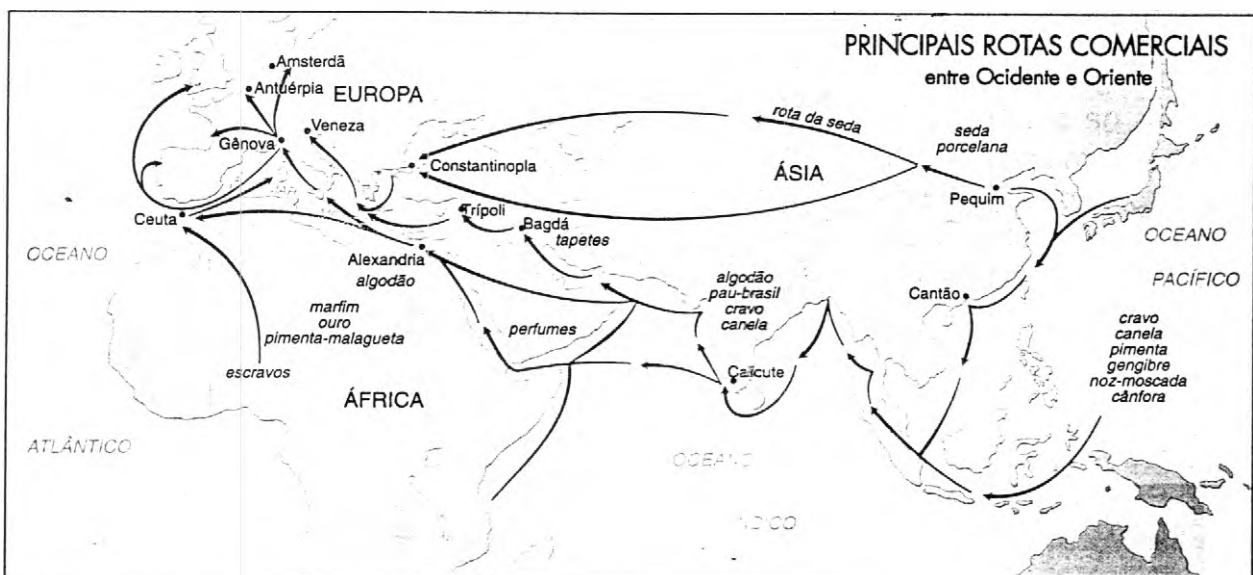
p.4

A multiplicação das associações era sinal de que o comércio e o artesanato haviam se tornado muito importantes. Por volta do século XIV, a Europa já estava cortada por rotas comerciais e se ligava, por meio do comércio, com áreas fora do continente.

Podemos destacar três regiões de grande importância para o comércio na Europa dessa época. Uma era a região de Flandres, com sua produção e comércio de tecidos. Outra, a do mar do Norte, se destacava no comércio de peixes, peles e sal. A terceira, e mais importante região, é a localizada ao sul do continente, junto ao Mediterrâneo. Nela se destacavam as cidades de Gênova e Veneza, que detinham o monopólio comercial dos valiosos produtos que vinham do Oriente.

Do Oriente vinham produtos muito valiosos

Atualmente, quando queremos conservar alguma comida, nós a colocamos na geladeira. Na Idade Média, não havia geladeiras. Por isso as carnes e as frutas estragavam rapidamente. Assim, conservar os alimentos era um problema que os europeus dessa época deviam enfrentar se não quisessem passar fome. Uma solução era misturar certos produtos aos alimentos para conservá-los por mais tempo. Assim, por exemplo, das frutas, eles faziam geléias ou compotas. As carnes eram temperadas com pimenta e outros temperos.



Nessa época, o açúcar, a pimenta, a canelã, o gengibre e a noz-moscada eram chamados de especiarias. As especiarias não eram produzidas na Europa. Elas vinham de longe, muito longe. Do Extremo Oriente.

Apesar das rivalidades religiosas, as relações comerciais entre europeus e árabes nunca foram totalmente rompidas. Depois das cruzadas, elas se intensificaram. Caravanas de comerciantes árabes iam até o Extremo Oriente, compravam as especiarias e depois revendiam uma parte aos europeus. Elas percorriam um caminho muito longo e passavam pelas mãos de muitos intermediários. Por isso as especiarias eram caras e davam grandes lucros aos comerciantes.

Além das especiarias, no Extremo Oriente, também existiam outros produtos que atraíam os europeus. Eram os tecidos finos, como os de seda, ou rústicos, como os de algodão, além de perfumes raros, do ouro e da prata.

Na Europa, os comerciantes que mais lucravam com o comércio de produtos do Oriente eram os italianos. Cidades italianas como Veneza, Gênova e Florença enriqueceram por causa desse comércio. Situadas nas margens do Mediterrâneo, tinham fácil acesso aos comerciantes árabes.

Os comerciantes italianos revendiam especiarias, tecidos, perfumes e jóias por toda a Europa e disso retiravam enormes lucros. A riqueza desse comércio tornou essas cidades e os seus comerciantes muito ricos.

Promovendo o comércio

Muitas inovações foram importantes para o desenvolvimento do comércio nos séculos XIII, XIV e XV. Houve, por exemplo, uma grande melhora nos meios de transporte. As carroças e as carruagens passaram a ser feitas com feixes de molas e suspensões. Foram abertos vários canais fluviais, por onde navegavam

p.19
(3)

AVANÇO

SE SOBRA
TEMPO

p.18
(2)

Nesta miniatura flamenga, a agricultura já se mostrava bastante desenvolvida. Você é capaz de apontar os sinais desse progresso?



In Geógrafos de Virgílio. Século XV



barcaças com grande capacidade de carga. Navios maiores e mais seguros facilitaram o transporte pelo mar Mediterrâneo. Com todas essas melhorias, pessoas e produtos eram transportados com mais segurança e rapidez.

A introdução do *seguro* e da *letra de câmbio* também contribuiu muito para o desenvolvimento do comércio. O seguro protegia os comerciantes do risco de grandes prejuízos, causados por roubos, naufrágios e outros acidentes ocorridos durante o transporte das mercadorias. A letra de câmbio permitia fazer pagamentos sem transportar dinheiro, evitando os assaltos, principalmente numa época em que não havia ainda o papel-moeda. As moedas valiam pela quantidade de ouro ou prata que tivessem. Transportar dinheiro significava transportar metais preciosos. Recebendo como pagamento uma letra de câmbio, que só ele poderia descontar, o comerciante retornava à sua cidade com tranquilidade após realizar um negócio.

Mesmo com a tendência de unificação das moedas, em cada um dos países que se formavam na Europa ainda havia um grande número delas, com tamanhos e valores muito diferentes. Isso dificultava o comércio entre os comerciantes de regiões diferentes.

Atividade bancária.
Dinheiro atraindo
dinheiro



Miniatura da escola do Jean Fouquet. Século XV

BANCO CONVERTER MOEDAS

Nas cidades e nas feiras surgiram pessoas que se especializaram em trocar moedas. Assim, o comerciante podia trocar a moeda da sua região de origem pela moeda local para facilitar

as suas compras. Podia ainda receber a moeda local na venda dos seus produtos e depois trocá-la. Essa foi a origem dos *banqueiros* e das *casas bancárias* (bancos). Eles passaram também a emprestar dinheiro para comerciantes, artesãos, transportadores. Esses financiamentos, mediante a cobrança de juros, deu um novo dinamismo aos negócios.

O comércio, principalmente o de longa distância, exigia gastos cada vez maiores: pagamento de salários, despesas com o transporte, alimentação e alojamento das pessoas que iam na expedição, dinheiro investido nas mercadorias. Assim, tornou-se comum dois ou mais comerciantes se juntarem para realizar uma expedição comercial, um grande negócio etc. Muitas vezes, essas associações de comerciantes se tornavam permanente, dando origem às *companhias comerciais*. Com isso, foi possível realizar expedições a regiões cada vez mais distantes.

O volume e a complexidade dos negócios foram, como se pode perceber, aumentando e exigiram que os comerciantes aperfeiçoassem as formas de controle sobre as vendas e as compras, os estoques, os custos diversos. Tornou-se necessário registrar com eficiência todas as operações envolvidas na atividade comercial. Nasceu, assim, a *contabilidade moderna*, baseada no princípio da "partida dobrada": não há débito sem o seu correspondente crédito. -⁶

O comércio, como vimos, impulsionou as demais atividades econômicas: artesanato, agricultura, serviços.

Emprestar dinheiro, deveria ser no mínimo a dívida e para pagar

Atividades

1. Os nossos atuais sindicatos têm *semelhanças e diferenças* com as antigas guildas de artesãos. Aponte algumas delas.
2. Existe uma relação de *causa e efeito* entre o crescimento do comércio e o desenvolvimento do artesanato. Explique como um foi causa do outro.
3. As especiarias eram muito caras na Europa. Quais eram as *causas* desse alto preço?

**Assimilando
conceitos**

TRABALHANDO O PROCESSO HISTÓRICO

4. Abaixo temos uma lista de problemas que dificultavam o desenvolvimento do comércio. Mostre quais foram as soluções que os homens daquela época foram encontrando para resolver cada um desses problemas:
 - a) muitas moedas diferentes;
 - b) enormes distâncias percorridas pelas mercadorias até chegar ao consumidor;
 - c) assaltos e roubos nas estradas;
 - d) dificuldade de os comerciantes controlarem os seus negócios quando eles cresceram muito;
 - e) os perigos e acidentes nas viagens marítimas.
5. Quais eram as três regiões de comércio mais importantes da Europa naquela época?
6. Essas regiões se destacavam na produção e no comércio de produtos diferentes uma da outra. Isso estimulava ou desestimulava o comércio entre elas? Por quê?
7. De que maneira as companhias de comércio permitiram o crescimento das atividades comerciais?
8. Pense e explique a seguinte afirmação: os bancos não produzem, mas ajudam a produzir.
9. Monte um cartaz com fotografias recortadas de jornais e revistas que mostre dois lugares: um com muitas atividades comerciais e outro com pouca ou nenhuma dessas atividades.
10. Na sua opinião, o que explica essa pouca ou nenhuma atividade comercial no lugar mostrado pelo seu cartaz?

OPINANDO E CRIANDO

PESQUISANDO

11. Pesquise e descubra se existe algum povo no mundo que não usa dinheiro. Dê o nome e a localização desse povo.
12. As especiarias citadas no capítulo são usadas até hoje, mas não são mais caras nem consideradas produtos de luxo. Pesquise e descubra três produtos alimentícios usados atualmente que sejam considerados de luxo.

HISTÓRIA: RENASCIMENTO (Evento que marca o início do Período Moderno)

- 1.1- Durante os séculos XI, XII, e XIII aconteceram grandes transformações na Europa.
- 1.2- A terra deixou de ser única e exclusivamente produtora de riqueza (COMÉRCIO E ATIVIDADES ARTESANAIS)
- 1.3- Os comerciantes e artesãos formaram associações para defender seus interesses(GUILDAS)
- 1.4- Finalidade das guildas: Prestar ajuda aos membros em caso de necessidade, defender o prestígio da profissão, estabelecer normas e obrigações para os membros, regras para se ingressar na profissão.
- 1.5- Podemos destacar três regiões de grande importância para o comércio na Europa nessa época (FLANDRES, MAR DO NORTE, SUL DO CONTINENTE)

2- DO ORIENTE VINHAM PRODUTOS VALIOSOS

- 2.1- Do Oriente vinham especiarias (AÇÚCAR, PIMENTA, CANELA, GENGIBRE, NOZ-MOSCADA)
- 2.2- As especiarias chegavam a Europa através de caravanas
- 2.3- Na Europa os comerciantes que mais lucravam com o comércio de produtos do Oriente eram os italianos (CIDADES DE GÊNOVA, VENEZA E FLORENÇA)

3- PROMOVEDOR DO COMÉRCIO

- 3.1- Inovações que foram importantes para o desenvolvimento do comércio nos séculos XIII, XIV e XV (MEIOS DE TRANSPORTE, INTRODUÇÃO DO SEGURO E DA LETRA DE CÂMBIO E SURGIMENTO DOS BANQUEIROS E DAS CASAS BANCÁRIAS)

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO **DOM LUIZ CONZAGA FERNANDES**
DISCIPLINA: **HISTÓRIA**
PROFESSOR: **ALEXANDRINO R. LIMA**
ORIENTADOR: **ZENON SABINO**
SÉRIE: 6^a

PLANO DE AULA

TEMA:
“RENASCIMENTO COMERCIAL”

▪ **OBJETIVO GERAL:**

Mostrar como o Renascimento Comercial provocou mudanças na organização do trabalho, nas relações sociais, nos hábitos de consumo.

▪ **CONTEÚDO:**

- /// A Força do comércio
- /// A Europa se transformou
- /// Do Oriente vinham produtos muito valorosos
- /// Promoção do comerciantes

▪ **METODOLOGIA:**

Consiste na problematização do marco Renascimento, como sendo um evento inaugural do Período Moderno que contempla continuidades em relação a alguns aspectos presentes na Idade Média como também rupturas.

▪ **RECURSOS DIDÁTICOS:**

Aula expositiva, Uso de mapas, esquemas do capítulo digitado e distribuído para os alunos.

Portugal: rei e comerciantes unidos

O surgimento de Portugal

Já vimos que nas regiões onde os reis conseguiram impor o seu poder surgiram vários países. Vejamos com mais detalhes como surgiu um país da Europa que terá uma enorme importância para a história do Brasil. Estamos falando de Portugal.

Na Antiguidade, por volta do século II a.C., a região que hoje se chama Portugal foi conquistada pelos romanos. Com a dominação romana, os povos que habitavam essa região desenvolveram a agricultura, o comércio e a pesca. Com essa dominação, vieram também o latim e o cristianismo.

Por volta do século V, o território que mais tarde seria Portugal foi conquistado pelos visigodos, um dos povos bárbaros que estavam invadindo o Império Romano. Com os visigodos, o feudalismo se implantou na região.

Arquitetura: herança da presença árabe em Portugal





No início do século VIII, a região foi novamente invadida. Desta vez pelos árabes, que anexaram aos seus domínios a maior parte da península. Com eles, chegou a religião muçulmana.

p.51

Por mais de 300 anos, a dominação árabe não sofreu grandes contestações. Mas, no século XI, teve início o movimento cruzadista. A cristandade europeia passou a organizar expedições militares para libertar os "lugares santos" (Palestina), que haviam sido conquistados pelos muçulmanos. Logo, os cruzados passaram a investir também contra os "infiéis" que ocupavam a península Ibérica. Nobres franceses, ingleses e alemães lutaram para expulsar os árabes da Europa.

p.19
(3)

Essa luta durou muito tempo. No século XII, os cristãos europeus já haviam retomado uma grande parte da península, e a reconquista prosseguiu do norte para o sul. Todavia, os árabes só foram definitivamente expulsos da península Ibérica no final do século XV (1492), com a tomada de Granada.

Cruzadas: prestígio para os nobres

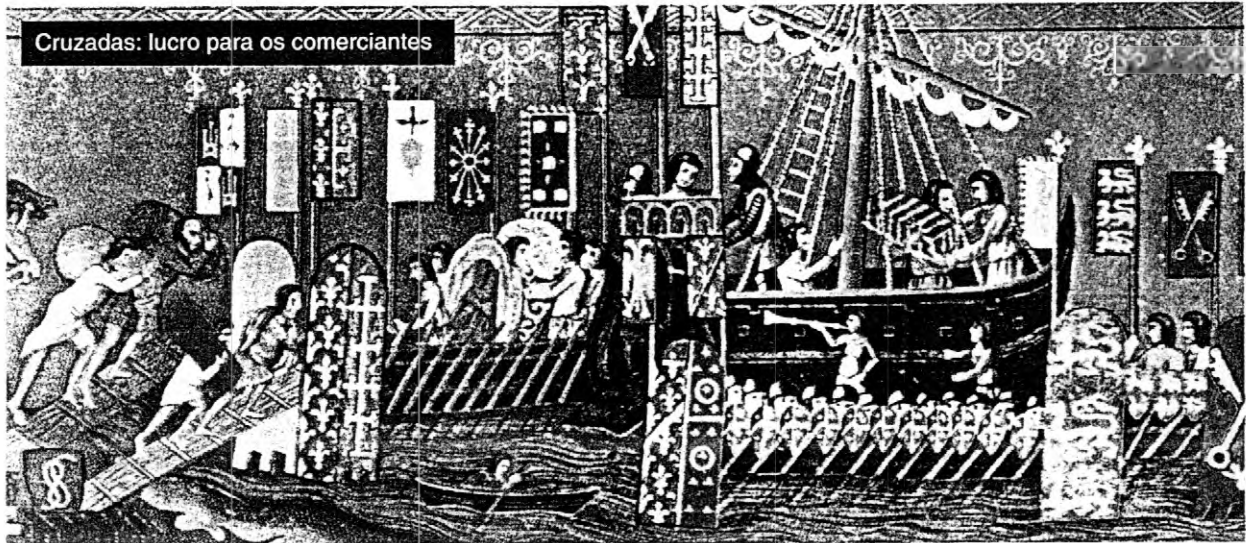


Portugal surgiu como um reino independente durante a Reconquista (1139). Formou-se em uma parte das terras que foram retomadas das mãos árabes.

O reino de Portugal logo teve um grande desenvolvimento econômico. Seus portos eram parada quase obrigatória para os navios que faziam a rota do mar Mediterrâneo para o mar do Norte, contornando o continente europeu. Lá, os navegadores compravam vinho, azeite e peixes salgados, o que muito contribuiu para estimular a agricultura, a pesca e o comércio do país. Assim, desde a sua origem, Portugal já participava do renascimento comercial europeu.

Os reis obtinham grandes rendas arrecadando impostos e taxas e explorando atividades econômicas sobre as quais detinham o monopólio. Dessa forma, os vários reis portugueses se mostraram interessados em promover o comércio e mantinham boas relações com os comerciantes.

Além de Portugal, em meados do século XIII, havia vários outros reinos cristãos nas terras que foram retomadas das mãos



árabes. Mais tarde, eles se uniriam, a partir do reino de Castela, em um único país: a Espanha. Então, completada a expulsão árabe, a península Ibérica passou a ter apenas dois reinos.

Desde a sua origem, Portugal foi um reino bastante centralizado politicamente, com um rei forte e poderoso, se comparado aos demais monarcas europeus. Ele tinha um controle relativamente amplo sobre todas as regiões do país, e a nobreza portuguesa não gozava da autonomia e dos privilégios próprios dos nobres em outros países europeus da época.

Castela, durante o processo de centralização que daria origem à Espanha, pretendia anexar Portugal. A nobreza portuguesa, descontente, passou a apoiar as pretensões castelhanas e esperava obter terras, poder e privilégios com a derrota de Portugal.

Em 1383, teve início no país uma grave crise, desencadeada com a morte do rei d. Fernando de Borgonha. A nobreza, de modo geral, lutou para que o rei de Castela herdasse o trono português. Comerciantes, artesãos, parte da nobreza e o povo em geral (a "arraia-miúda") queriam um rei português. A luta entre os dois grupos durou até 1385, quando d. João, mestre de Avis e irmão bastardo de d. Fernando, foi coroado rei de Portugal. Começava uma nova dinastia de reis portugueses.

A denominada Revolução de Avis contribuiu para submeter mais ainda a nobreza ao poder real e reforçar a aliança entre o rei e a burguesia. Com ela, Portugal se tornou o primeiro país da Europa a ter um monarca com pleno domínio sobre todo o país. Por isso o país é considerado o primeiro Estado Moderno europeu.



O que queriam os comerciantes portugueses



Veneza: o comércio lhe trouxe poder e riqueza

As famosas especiarias e os produtos de luxo orientais chegavam ao mercado europeu trazidos pelas caravanas árabes. No Mediterrâneo, esses produtos passavam para as mãos dos comerciantes italianos. Como vimos, os italianos detinham o monopólio desse comércio na Europa, obtendo altos lucros. Gênova, Veneza e Florença eram prósperas devido, principalmente, a esse comércio.

Quando esses produtos chegavam a Portugal, já estavam com os preços muito elevados e pouco lucro davam aos comerciantes portugueses.

Os portugueses não tinham condições de desafiar árabes e italianos e tentar se apropriar das rotas tradicionais de produtos orientais.

A solução seria chegar ao extremo Oriente por outros caminhos e conseguir as mercadorias diretamente nas fontes produtoras. O problema era como chegar até lá.

A rota alternativa que pareceu viável aos portugueses foi a marítima. Eles tentariam chegar às Índias (Oriente) através do oceano. No século XIV, isso era uma façanha tal que nem sequer havia sido tentada antes.

Nesta cena de casamento, é possível observar os tecidos coloridos indianos. Eram uma mercadoria de alto valor na Europa



Biblioteca Casanatense, Roma

Rumo às Índias

Para compreender um pouco melhor o que as grandes navegações europeias dos séculos XV e XVI representaram, vamos compará-las com um fato da atualidade, isto é, do século XX.

p.53

A conquista do espaço é, antes de tudo, uma grande aventura. Cada avanço é celebrado como um grande feito. Não há muitas mortes ou acidentes graves, mas a insegurança e a incerteza estão presentes a cada nova viagem para o espaço.

A construção de foguetes e naves espaciais emprega a mais elevada técnica. São usados metais e combustíveis especiais, além de componentes eletrônicos muito avançados. Gastam-se verdadeiras fortunas nos programas espaciais. Para se ter uma idéia desses gastos, basta ver que os Estados Unidos gastaram 23 bilhões de dólares para colocar o homem na Lua.

A conquista dos oceanos nos séculos XV e XVI tem muitas coisas em comum com a conquista do espaço no século XX.

Naquela época, os navegantes europeus não se afastavam muito da costa. Avançar pelo oceano era uma aventura que despertava muito medo. Para isso, contribuía uma série de crendices e lendas. Acreditava-se que havia locais de tanto calor no oceano que os barcos se queimariam. Abismos e monstros eram outros perigos imaginários que povoavam a mente dos europeus da época.

p.23
(8)

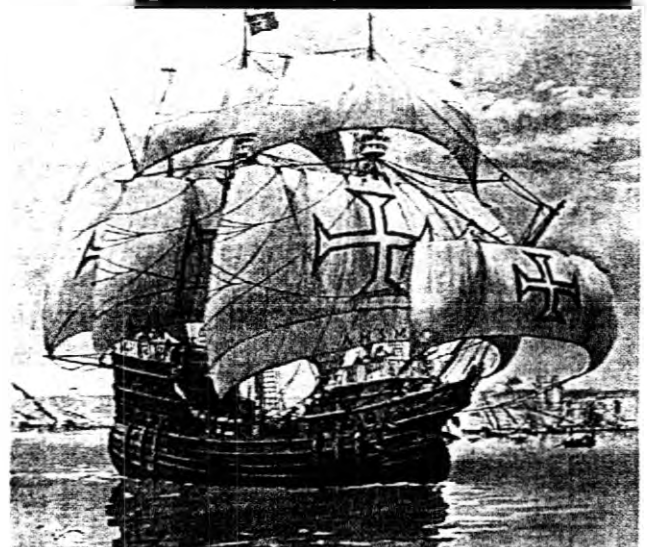
Conseguir marinheiros para as viagens mais arriscadas e longas era muito difícil. Tanto que o rei costumava recrutar pessoas a força ou dar perdão aos condenados para conseguir tripulação.

O desenvolvimento dos instrumentos de navegação contribuiu para encorajar os navegadores. Os portugueses aperfeiçoaram uma embarcação que permitia navegar pelos oceanos com mais segurança e velocidade, a caravela.

Além de embarcações mais modernas e seguras, dois outros inventos permitiram que os navegadores se afastassem cada vez mais da costa: a bússola e o astrolábio.

Assim, da mesma maneira que as naves espaciais empregam hoje a mais alta

Caravela, inovação portuguesa. A tecnologia garantindo a conquista dos oceanos

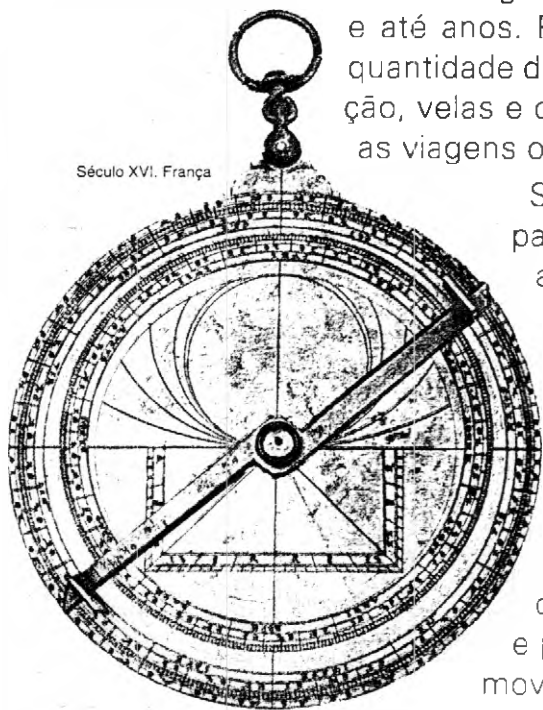




tecnologia, as caravelas dos séculos XV e XVI também representavam a mais elevada técnica da época.

As viagens eram muito demoradas, podiam durar meses e até anos. Por isso as caravelas deveriam carregar grande quantidade de mantimentos, água potável, armamento, munição, velas e cordas. Assim como as atuais viagens espaciais, as viagens oceânicas eram muito dispendiosas.

Século XVI. França



Astrolábio francês.
Segurança nas navegações

Só mesmo quem tivesse muito dinheiro poderia pagar as despesas para armar, abastecer e manter a tripulação de uma ou mais embarcações. Nessa época, apenas os reis, apoiados por ricos comerciantes, tinham recursos para isso.

As viagens tinham também o objetivo de trazer informações sobre as regiões e povos visitados. As futuras expedições e os novos empreendimentos para obter riquezas dependeriam delas. Essas viagens resultaram na conquista de novas terras e trouxeram prestígio e poder para as monarquias europeias que as promoveram. Essa é mais uma semelhança com as atuais viagens ao espaço. As informações e os conhecimentos acumulados por elas resultam em prestígio e desenvolvimento tecnológico.

Vimos que existem algumas semelhanças entre a conquista do espaço nos dias atuais e as grandes navegações dos séculos XV e XVI. O espírito de aventura, a alta tecnologia empregada e o grande custo são pontos em comum entre aquelas viagens e as de hoje.

Atividades

Assimilando conceitos

1. A dinastia de Avis passou a reinar em Portugal depois de um *conflito político*. Quanto a esse conflito, responda:
 - a) Quais eram os grupos sociais portugueses envolvidos?
 - b) Qual foi o grupo social que saiu fortalecido dessa luta?
 - c) Qual deles saiu enfraquecido?
 - d) A independência de Portugal esteve ameaçada nessa luta? Por quê?

2. Com a Revolução de Avis, Portugal se tornou “o primeiro *Estado Moderno* europeu”. Qual é a característica do Estado Moderno apontada no texto da lição?

3. Procure no texto informações que comprovem cada uma das afirmações abaixo:
- O povo português foi formado com a mistura de vários povos e culturas.
 - A origem de Portugal está ligada à luta contra os árabes.
 - A localização de Portugal facilitou o desenvolvimento do comércio no país.

**TRABALHANDO
O PROCESSO
HISTÓRICO**

4. Para organizar expedições oceânicas e tentar descobrir uma rota marítima para chegar às Índias, foi necessário:
- poder político;
 - conhecimentos técnicos;
 - recursos econômicos.

Procure informações no texto da lição que comprovem cada uma dessas necessidades.

5. Por que era importante para os portugueses encontrar uma rota alternativa para chegar até às Índias?
6. No texto da lição, são apontadas muitas semelhanças entre as navegações oceânicas dos séculos XV e XVI e as atuais viagens espaciais. Aponte algumas delas.

7. Na sua opinião, as viagens espaciais contribuíram para melhorar a vida das pessoas? Apresente uma informação que sirva de argumento na defesa da sua opinião.

**OPINANDO
E
CRIANDO**

8. Invente uma notícia de jornal sobre a conquista espacial (pode ser fictícia). Não se esqueça da manchete.

9. A abertura do canal de Suez permitiu encurtar muito uma viagem de navio de Portugal até a Índia. Pesquise e responda:
- Quando isso ocorreu?
 - Quantos quilômetros, aproximadamente, essa viagem ficou mais curta?
 - Onde se localiza esse canal?

PESQUISANDO

PORTUGAL: REI E COMERCIANTES UNIDOS

1-O surgimento de Portugal

- 1.1- Século II a.c. a região que se chama Portugal foi conquistada pelos romanos.
- 1.2- Por volta do século V esse território foi conquistado pelos visigodos. (POVOS BARBAROS)
- 1.3- Início do século VIII a região foi novamente invadida pelos árabes.
- 1.4- Portugal conseguiu um reino independente durante a Reconquista.(1139)
- 1.5- A Revolução de Avis.(1383-1385)

2- O que queriam os comerciantes portugueses?

- 2.1- Poder e riqueza obtido através do comércio.
- 2.2- Desafio: chegar ao extremo Oriente por outros caminhos.

3- Rumo às Índias

- 3.1- A conquista dos oceanos nos séculos XV e XVI tem muitas coisas em comum com a conquista do espaço no século XX.
- 3.2- Ponto em comum entre aquelas viagens e as de hoje: espírito de aventura, alta tecnologia empregada e o grande custo.

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO **DOM LUIZ CONZAGA FERNANDES**
DISCIPLINA: **HISTÓRIA**
PROFESSOR: **ALEXANDRINO R. LIMA**
ORIENTADOR: **ZENON SABINO**
SÉRIE: 6^a

TEMA:

“AS GRANDES NAVEGAÇÕES (CASO DE PORTUGAL)”

▪ **OBJETIVO GERAL:**

Mostrar o papel relevante de Portugal na expansão marítima europeia e relacionar isso a singularidade histórica da formação do território e do Estado Português.

▪ **CONTEÚDO:**

- Portugal: Rei e comerciantes unidos
- O surgimento de Portugal
- O que queriam os comerciantes portugueses rumo às Índias.

▪ **METODOLOGIA:**

Consiste em mostrar ao aluno, por meio de uma comparação com as viagens espaciais da atualidade, o que significou a empresa marítima europeia no início da Idade Moderna, e que o Estado é o principal agente do empreendimento, investindo grandes somas, mobilizando recursos científicos, técnicos e humanos.

▪ **RECURSOS DIDÁTICOS:**

Aula expositiva, utilização de mapas, esquemas de capítulos digitados e distribuído com os alunos.

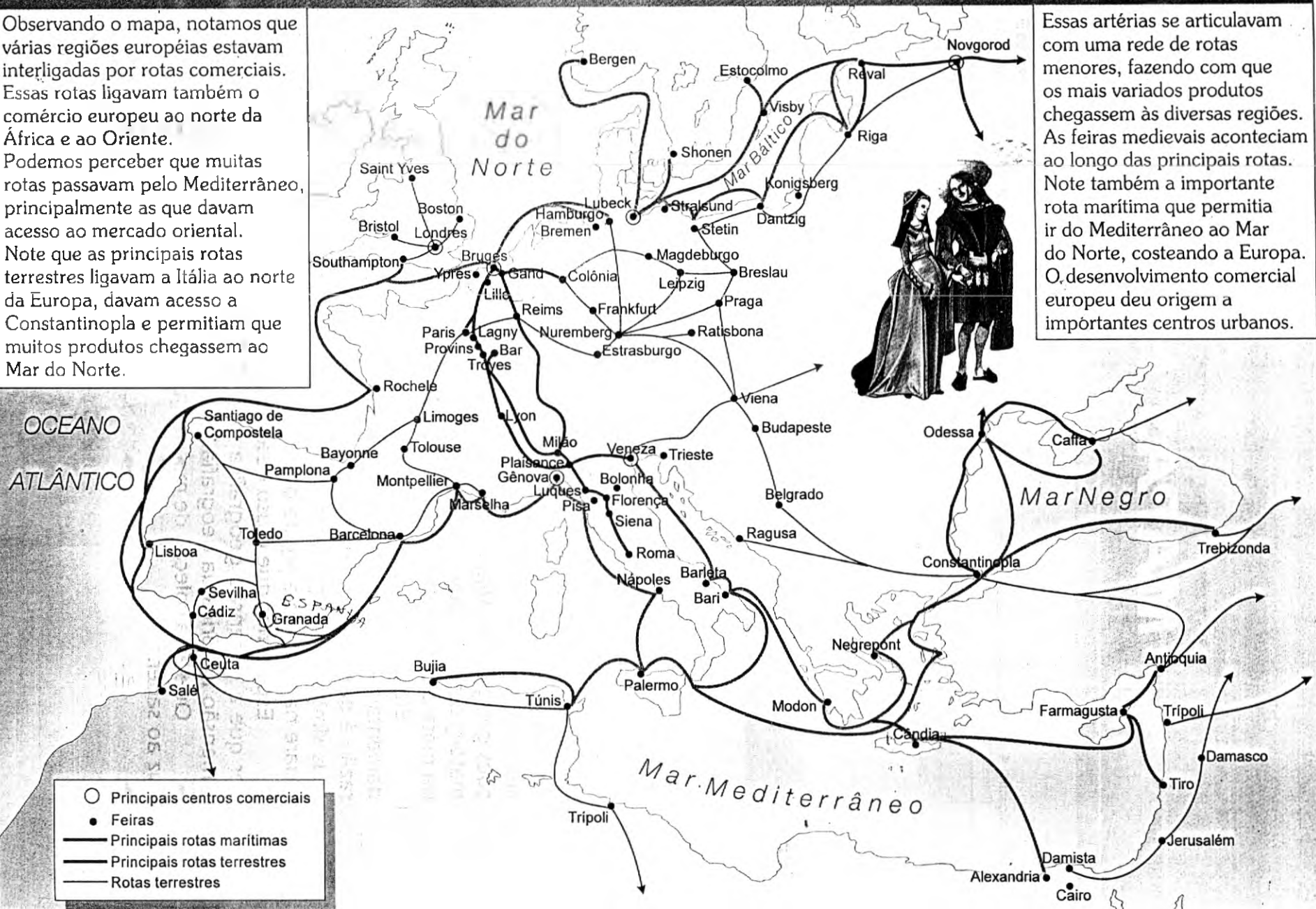
▪ **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

1. COTRIM, Gilberto. **História & Consciência do Mundo**. da Idade Moderna ao Mundo Atual. Primeiro Grau: Primeiro Grau, 8^a Edição. São Paulo, Editora Saraiva, 1996
2. FERREIRA, José Roberto Martins, 1950. **História**. 6^a série/ Martins Editora. Reformulado. São Paulo: FTD, 1997

SÉCULO XIV - O COMÉRCIO DESPERTA A EUROPA

Observando o mapa, notamos que várias regiões europeias estavam interligadas por rotas comerciais. Essas rotas ligavam também o comércio europeu ao norte da África e ao Oriente. Podemos perceber que muitas rotas passavam pelo Mediterrâneo, principalmente as que davam acesso ao mercado oriental. Note que as principais rotas terrestres ligavam a Itália ao norte da Europa, davam acesso a Constantinopla e permitiam que muitos produtos chegassem ao Mar do Norte.

Essas artérias se articulavam com uma rede de rotas menores, fazendo com que os mais variados produtos chegassem às diversas regiões. As feiras medievais aconteciam ao longo das principais rotas. Note também a importante rota marítima que permitia ir do Mediterrâneo ao Mar do Norte, costeando a Europa. O desenvolvimento comercial europeu deu origem a importantes centros urbanos.



Capítulo 8

MERCANTILISMO E EXPANSÃO MARÍTIMA



1. O MERCANTILISMO

Entendemos o Mercantilismo como o conjunto de teorias e práticas de intervenção econômica surgidas na Europa a partir do século XV. Era um sistema complexo, que envolvia concepções precisas acerca da produção manufatureira, da utilização da terra e, sobretudo, do poder do Estado.

As principais características do Mercantilismo

A doutrina mercantilista fundamenta-se no pressuposto de que a intervenção do Estado deve garantir o equilíbrio indispensável da balança comercial. Para alcançar esse objetivo, existe a necessidade de organizar a economia de acordo com um conjunto de fatores, os quais acabaram por se definir como as características do Mercantilismo, que vamos conhecer a seguir.

- **O Metalismo ou Bulionismo:** o nível de riqueza de um país identifica-se com o montante de metal amoeável entesourado — quanto maior fosse a quantidade de metais, mais rico seria o país.

- **A balança comercial favorável.** Consiste na manutenção da balança comercial em superávit. Para que isso aconteça, o país deve exportar mais e importar menos.

- **O protecionismo alfandegário.** É a prática de manter altas taxas alfandegárias para desestimular as importações.

- **Defesa da produção nacional.** O desestímulo ao consumo de produtos estrangeiros a fim de incentivar a produção nacional.

- **O desenvolvimento nacional.** Durante a Época Moderna a economia era pensada em âmbito nacional; o objetivo a ser atingido era o desenvolvimento dentro das fronteiras nacionais.

- **Incentivo ao crescimento demográfico.** Os Estados mercantilistas incentivaram a expansão demográfica a fim de formar um mercado de mão-de-obra grande o suficiente para baixar o custo do trabalho.

- **A intervenção do Estado na economia.** Para colocar em prática as medidas anteriormente citadas, era necessária a participação do Estado na economia.

A relação entre a economia e a política no Mercantilismo

A prosperidade oriunda do comércio permitiu ao rei, através do recolhimento de impostos, a manutenção das novas necessidades surgidas com a centralização do poder. As moedas que entravam nos cofres públicos sustentavam, entre outras coisas, os exércitos profissionais a serviço dos reis. Essa máquina de guerra era importante na defesa do Estado nacional, que era a extensão política do Mercantilismo econômico.

“É impossível fazer a guerra sem homens, manter homens sem soldo, fornecer-lhes o soldo sem tributo, arrecadar tributos sem comércio.” (Antoine Montchrétien, *Traité de l'Économie Politique*. In: Pierre Devon, *O Mercantilismo*, p. 51).

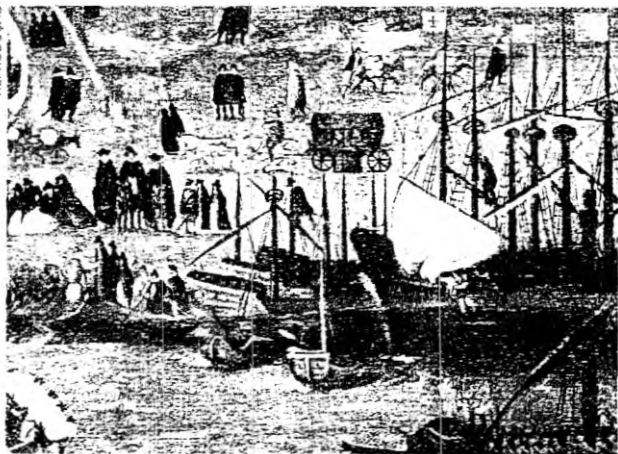
A relação entre a economia e o poder político do Mercantilismo se expressa no **aliança entre o rei e a burguesia**. Por esse acordo, o rei garantia o direito de recolher os impostos diretamente aos cofres públicos, que ele mesmo controlava. Parte desse capital foi utilizada para a criação e manutenção do exército profissional. A burguesia, por sua vez, recebia aquilo de que os comerciantes mais precisavam: proteção militar e política para levar adiante o seu projeto econômico.

Essa aliança realizou o sonho desses dois agentes sociais: o rei tornou-se muito mais poderoso — chegando ao Absolutismo —; a burguesia tornou-se muito mais rica: conquistou o mundo com o seu capital. Apesar de bem-sucedida em seu início, essa união teve um fim trágico para o rei: quando a burguesia já estava suficientemente forte, quando o capital já havia se tornado o senhor do mundo, o rei já não era mais necessário.

O trabalho no sistema mercantil

Na nova ordem econômica, o trabalho passou a ser muito valorizado. A exaltação ao trabalho se opunha à valorização da ociosidade, própria da elite da sociedade medieval, que via no trabalho uma atividade inferior, exclusiva das classes pobres. No mundo mercantil não deve

haver tempo para a ociosidade, todo o tempo deve ser empregado no trabalho, que gera e multiplica riquezas. A nova ideologia pregava a substituição das horas de oração pelas horas de trabalho. A vida material passava a ganhar importância em detrimento da vida espiritual, e a sociedade começava a se moldar de acordo com os pressupostos capitalistas.



No Mercantilismo, a valorização do trabalho se contrapõe ao ócio e à valorização das horas gastas rezando. Assim, com o desenvolvimento do Mercantilismo e das práticas voltadas para o lucro surgia no início da Era Moderna na Europa uma agitada vida urbana e mercantil, como mostra esta pintura do Porto de Sevilha, na Espanha, no século XVI.

2. A EXPANSÃO MARÍTIMA

O mais notável resultado da economia mercantil foi, sem dúvida, a expansão marítima, que levou mercadores a percorrer todo o planeta. Preocupada em desenvolver o comércio, buscando novas áreas para explorar e novas mercadorias para negociar, a burguesia européia, devidamente amparada pelo Estado, na figura de seu principal aliado, que era o rei, cruzou os oceanos em uma das maiores aventuras humanas.

A expansão marítima foi um grande empreendimento econômico, político, social e militar e que envolveu grande volume de dinheiro. Sua realização somente foi possível graças à criação do Estado nacional e à aliança entre o rei e a burguesia. A centralização política promovida pelo Estado nacional permitiu que o rei concentrasse toda a máquina estatal na criação de condições para o desenvolvimento tecnológico e para a preparação de técnicos e navegadores aptos a concretizar a tarefa. O custo do projeto foi financiado pela burguesia, diretamente em alguns casos, ou através dos impostos que os comerciantes pagavam ao Estado, derivados da atividade mercantil.

Mas não foram apenas os reis e os burgueses que tornaram possível a expansão pelos mares: uma grande parcela da sociedade foi convocada a contribuir com a em-

preitada. As viagens eram muito arriscadas, os naufrágios eram comuns, de tal forma que não havia certeza do retorno dos navegantes. A população pobre, da qual saíam os marinheiros que trabalhavam nas funções menos qualificadas, além de contribuir com os impostos derivados de seu trabalho, viveu o drama da perda das pessoas queridas sem participar dos benefícios econômicos e sociais oriundos das conquistas.

O comércio com o Oriente

As Cruzadas, que recolocaram o Ocidente em contato com o Oriente, criaram o gosto pelo consumo de exóticos produtos orientais. Os artigos mais consumidos eram jóias, perfumes, veludos pintados, brocados, tecidos de seda e coral lavrado, além das especiarias, como a canela, o cravo e a procuradíssima pimenta, que chegou a ser usada como moeda. A expansão do mercado europeu para esse tipo de mercadoria pôde ser rapidamente aproveitada pelos mercadores das cidades italianas, principalmente Gênova e Veneza, que nunca haviam deixado de comercializar com o Oriente.

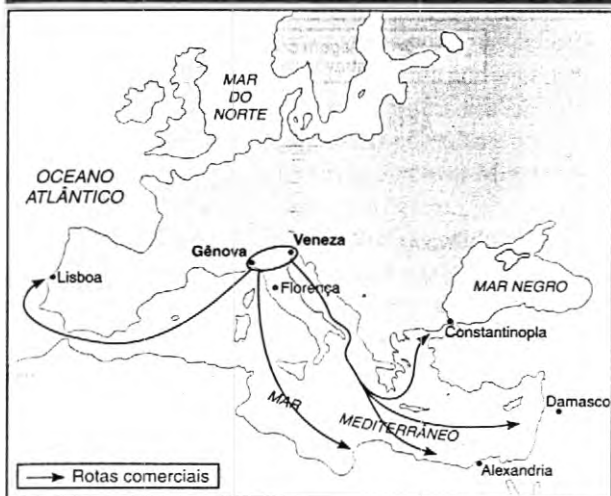
A pimenta fazia muito sucesso naquele tempo porque, além de ajudar a conservar as carnes dos animais abatidos, disfarçava como nenhum outro tempero o cheiro e o gosto dos alimentos estragados, que, por falta de refrigeração, eram habitualmente consumidos.

Os mercadores de outros países queriam quebrar o monopólio de Gênova e Veneza e participar desse comércio tão lucrativo. Esse foi o principal fator que impulsionou as viagens marítimas. Além disso, para poder manter o comércio com o Oriente, que exigia uma grande quantidade de moedas, havia grande interesse em encontrar metais amoeáveis.

O desenvolvimento técnico

Uma das mais importantes formas de apoio oferecida pelo Estado à expansão marítima foi o incentivo ao desenvolvimento das técnicas navais. Uma técnica que ganhou um grande impulso no século XV foi a **cartografia**, que é a arte de desenhar mapas. O cartógrafo, um misto de técnico e artista, traçava os mapas a partir dos relatos que os navegantes faziam a respeito do que tinham visto. Quanto mais viagens fossem feitas, mais aperfeiçoados ficavam os mapas. Também eram incentivados os estudos astronômicos para tornar mais fácil a orientação dos navegadores. Aperfeiçoou-se a construção de embarcações e instrumentos já conhecidos, como a bússola e o astrolábio, que foram adaptados para as grandes viagens pelo mar.

CENTROS COMERCIAIS: GÊNOVA E VENEZA



Fonte: Adaptado de Pierre Vidal-Naquet e Jacques Bertin. *Atlas histórico*, p. 141.

Os genoveses e os venezianos usavam o Mar Mediterrâneo para fazer comércio com Damasco, Alexandria e Constantinopla.

A mudança do eixo econômico

Em 1498, após quase um século de preparação, uma frota portuguesa, sob o comando de Vasco da Gama, chegou à Índia. As viagens ao Oriente proporcionavam lucros que chegavam a 6 000%, o que fez o comércio se intensificar sensivelmente.

Esses acontecimentos provocaram uma mudança no eixo do comércio europeu. Antes de Bartolomeu Dias ultrapassar o Cabo da Boa Esperança, em 1487, a posição geográfica de Veneza e das cidades do sul da Alemanha proporcionava a essas cidades grandes vantagens no domínio das rotas de comércio na Europa. A partir da descoberta do novo caminho para a Índia, foram os países que têm costa voltada para o Atlântico que ficaram em vantagem.

O Atlântico tornou-se a mais importante área de comércio do mundo. Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra e França tornaram-se nações privilegiadas porque têm acesso àquele oceano, que se transformou na rota mais lucrativa do começo do século XVI. O comércio, que antes apenas crescia, sofreu um grande salto. Tinha início o processo de formação de uma nova estrutura econômica, baseada no lucro, que é o Capitalismo. Com o desenvolvimento do comércio, o principal fator de riqueza passou a ser a moeda.

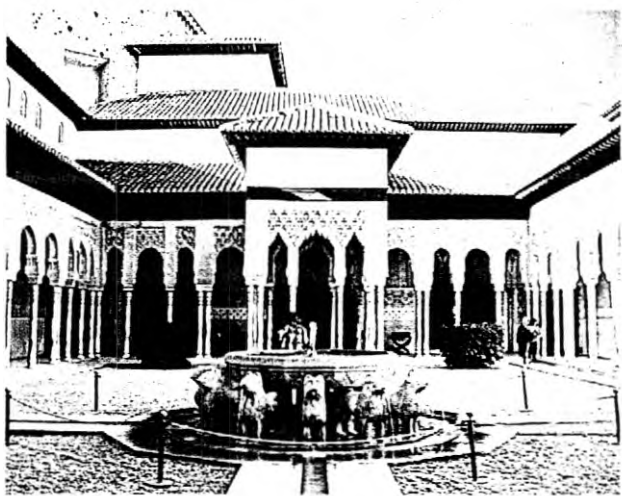
3. A FORMAÇÃO DO REINO ESPANHOL

A partir do século VIII, os cristãos da Ibéria se refugiaram no norte da península, na Região das Astúrias, e iniciaram uma longa luta pela expulsão dos árabes, a **Guerra de Reconquista**. Foi no processo de reconquista que surgiram os dois reinos da Península Ibérica: Portugal, em 1139, e Espanha, em 1469.

Com o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela, conhecidos como os reis católicos, em 1469,

formou-se o Reino espanhol. A Espanha somente se consolidou como nação no ano de 1492, quando Granada, que era o último reduto mouro na península, foi reconquistada.

A Espanha, após se consolidar como Estado unificado, iniciou uma corrida colonialista com Portugal. Navegando em direção oeste, no dia 12 de outubro de 1492, Colombo e sua tripulação chegaram a uma ilha que o navegador acreditou ser Cipango (atual Japão). Colombo morreu sem saber que havia chegado à América. Ele realizou o ciclo ocidental das navegações.



A presença moura na Espanha, que durou sete séculos, ainda é visível nas edificações do país, como no Palácio de Alhambra, em Granada.

4. A FORMAÇÃO DE PORTUGAL

Já estudamos no Capítulo 6 que o Reino de Portugal surgiu em 1139, no contexto da luta pela expulsão dos mouros da Península Ibérica. Afonso Henriques tornou-se o primeiro rei de Portugal e inaugurou a primeira dinastia lusa, a **Dinastia de Borgonha** (1139-1383).

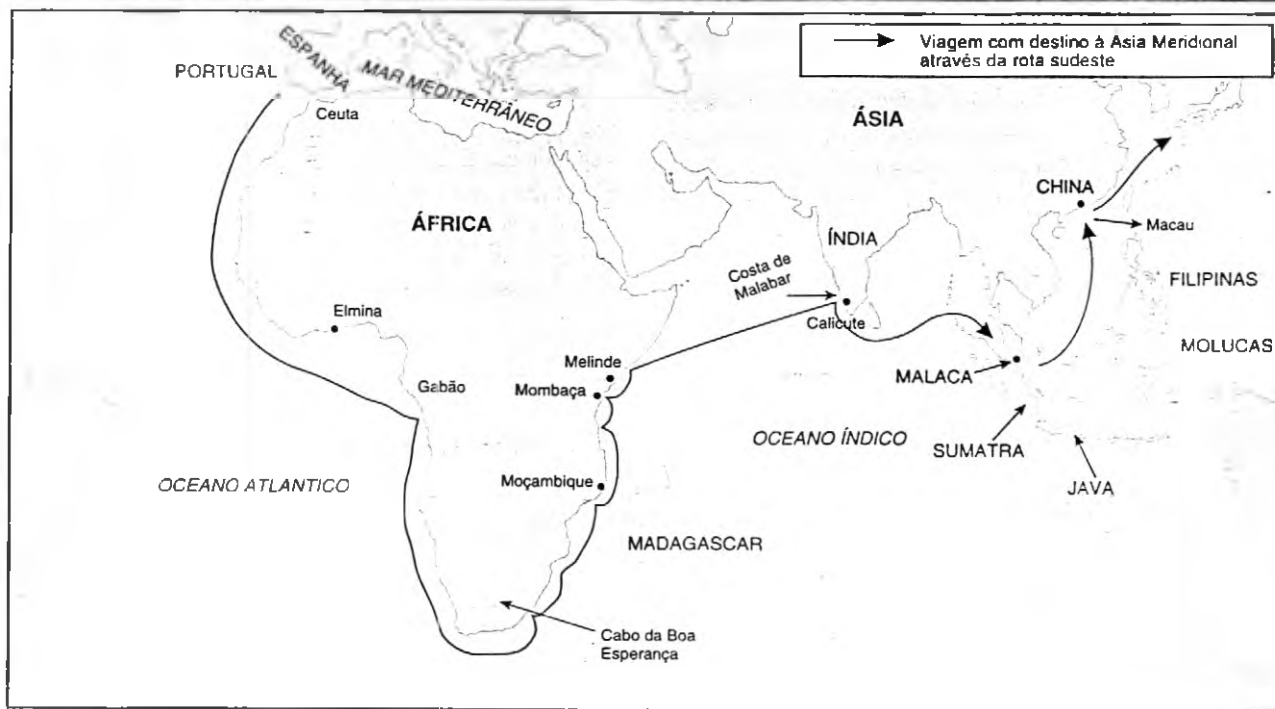
A crise do século XIV (fome, peste negra e Guerra dos Cem Anos) determinou algumas mudanças no sistema feudal que originaram um grande avanço e fortalecimento do setor mercantil. As rotas marítimas internacionais ganharam maior importância. A situação geográfica de Portugal, debruçado sobre o Atlântico e o Mediterrâneo, favoreceu o surgimento de uma burguesia mercantil marítima. Essa mesma geografia proporcionou o isolamento necessário à paz interna e fortalecimento do Estado nacional.

Na **Dinastia de Avis** (1383-1580) iniciou-se em Portugal o processo de expansão marítimo-comercial, que teve como resultado a conquista da costa ocidental africana e uma nova rota marítima para os mercados indianos.

5. O LONGO CAMINHO PARA AS ÍNDIAS

O avanço lusitano nas grandes navegações começou em 1415, com a tomada de Ceuta, importante reduto comercial na costa setentrional da África.

O PÉRIPO AFRICANO



Fonte: Adaptado de Atlas histórico escolar, FAE, p. 112-113.

Os portugueses escolheram o périplo africano porque essa rota permitia a realização de outras atividades econômicas, além do comércio de especiarias, e ainda representava uma alternativa ao Mediterrâneo, monopolizado pelas cidades italianas.

Em 1487, Bartolomeu Dias atingiu o extremo sul do continente africano (Cabo das Tormentas, depois batizado de Cabo da Boa Esperança) e, em 1498, o navegador português Vasco da Gama chegou a Calicute, na Índia. Estava completado o ciclo oriental das navegações. Todo esse processo está inserido no contexto de desenvolvimento do Mercantilismo, política econômica que dominou a Idade Moderna (séculos XV-XVIII), orientando o processo de colonização da América.

Após completar o ciclo oriental das navegações, Portugal estabeleceu um império comercial no Oriente, rompendo o bloqueio marítimo do Mediterrâneo imposto pelos turcos otomanos em 1453, quando estes tomaram a cidade de Constantinopla (atual Istambul, na Turquia). Também rompeu-se o monopólio dos italianos no comércio das especiarias do Oriente (pimenta-do-reino, noz-moscada, cravo, canela).

6. A REAÇÃO DA ESPANHA

A Espanha teve sua centralização política posteriormente à de Portugal. Em 1469, os reis católicos Fernando, de Aragão, e Isabel, de Castela, casaram-se, favorecendo a unificação política dos reinos espanhóis. O ano de 1492 marca, como já citamos anteriormente, a expulsão dos mouros de seu último reduto na Península Ibérica, Granada. É também o ano da expansão marítima espanhola através do ciclo ocidental das navegações.

A frota de Cristóvão Colombo, navegante genovês a serviço da Espanha, navegando em direção oeste com o objetivo de encontrar uma nova rota para as Índias, aca-

bou atingindo o continente americano a 12 de outubro de 1492. As terras encontradas tornaram-se alvo de disputa entre os reinos ibéricos.

A divisão das terras



Fonte: CID.

Mapa da América do Sul com a divisão da linha de Tordesilhas. De acordo com o Tratado de Tordesilhas, o direito de explorar a América era exclusivo de Portugal e da Espanha.

Em 1493, sob pressão portuguesa, foi assinada a bula *Intercaetera*, dividindo o Atlântico entre lusos e castelhanos. Por esse documento, os portugueses teriam direito apenas às terras africanas. A Coroa portuguesa passou a fazer pressão no sentido de mudar o acordo. Em 1494 foi assinado o **Tratado de Tordesilhas**, dividindo entre Portugal e Espanha as terras do Novo Mundo e garantindo a hegemonia lusitana no Atlântico.

Estabelecida a rota do Atlântico e garantido o domínio da costa ocidental africana, Portugal passou a dominar o comércio marítimo das especiarias. Faltava garantir a posse da sua colônia na América.

TEXTOS COMPLEMENTARES

1. As riquezas da África

A África sofreu processos de colonização desde a Antiguidade. Nos períodos Moderno e Contemporâneo, aquele continente foi novamente alvo da cobiça de povos estrangeiros.

Os colonizadores criaram para a África a imagem de um continente selvagem e miserável. Porém, estudando a história dos povos que lá viveram, descobrimos muita riqueza, organização política e grande desenvolvimento econômico, como podemos observar neste texto que analisa o Reino de Ghana no primeiro milênio da Era Cristã.

O REINO DE GHANA

“Entre os Estados que se firmaram no Sudão ocidental destacam-se os de Ghana e Mali, localizados na desembocadura da rota das caravanas ocidentais; o de Songhai, na rota que ligava Trípoli a Gao, e o de Kanem-Bornu, reino situado no atual território do Tchad e ponto final das rotas comerciais provenientes da região do Fezã e do Egito.

O mais antigo e poderoso desses reinos foi o de Ghana, que surgiu por volta do século IV da Era Cristã. Sua importância decorria da função de intermediário comercial que, graças à sua localização, exercia entre o norte da África e as regiões da savana nigeriana. Estas enviavam ouro, escravos e milho para o norte, de onde importavam sobretudo o sal.

A prosperidade de Ghana era igualmente sustentada por suas jazidas de ouro. Até o descobrimento da América, esse reino e os Estados que o sucederam constituíram o principal centro fornecedor de ouro para os países mediterrâneos. A região tinha fama de ser tão rica que um cronista árabe disse: ‘No país de Ghana o ouro aparece na areia como cenouras’.

Segundo relatos da época, a capital de Ghana era uma cidade com construções de pedra, onde o soberano vivia em um castelo ricamente decorado com pinturas e esculturas. Os reis de Ghana detinham o monopólio do comércio com outros países, utilizando um eficiente sistema de cobrança de impostos controlado por um serviço administrativo especial. A sucessão ao trono era feita por via matrilinear: o soberano não era sucedido no trono por seu filho, mas sim pelo filho de sua irmã.

De acordo com a tradição, os primeiros reis de Ghana teriam sido brancos. Somente em 790, Kaya Cisse teria fundado uma dinastia negra — a dos Cisse Tunkara —, que governou por três séculos. Nesse período, Ghana alcançou sua máxima expansão, estendendo seu domínio ao Sudão ocidental, à região do Sahel e às bacias do Senegal e do alto vale do Níger. Chegou, assim, a possuir um território com mais de um milhão de quilômetros quadrados. As duas principais cidades do reino eram Ghana e Awdaghost, situadas na região onde começavam as rotas comerciais do deserto.”

“As civilizações africanas”. In: *História das civilizações*, Fascículo 26, p. 47.

2. A Índia

Quando estudamos História, em geral somente observamos referências à Índia quando os portugueses se lançam ao mar em busca de um novo caminho para os mercados que comercializavam especiarias. Mas a história da Índia é muito mais antiga, e bastante complexa, como podemos perceber nesta narrativa que descreve a vida social e econômica daquele povo no início da Era Cristã.

“A agricultura figura sempre no primeiro plano das ocupações dos hindus, mas o comércio e a indústria desenvolveram-se bastante e passaram a constituir agora, realmente, a base da prosperidade do reino. O comércio está mais bem organizado do que outrora, os negociantes reúnem-se em corporações; alguns deles são agentes reais e seu chefe é recebido pelo rei, obedecem a regulamentos cuidadosamente estabelecidos, há fiscalização dos preços, dos pesos e das medidas. As caravanas são também regulamentadas e pagam direitos aduaneiros e de peagem; formam-nas longas filas de carros e são dirigidas por guias na travessia do deserto, transportando jangadas para a passagem dos rios. Estabeleceu-se intenso tráfico com os países vizinhos, importando-se peles e sedas da Ásia Central e da China, exportando-se musselinas, jóias, armas e especiarias. O comércio marítimo desenvolveu-se igualmente tanto ao longo das vias fluviais como no mar, depende da marinha do Estado, que regula a circulação náutica, assegura os pontos de reabastecimento, vigia os portos e protege as costas contra os piratas. A indústria que alimenta o comércio abrange principalmente a tecelagem e o trabalho dos metais.

A caça, ganha-pão dos pobres, é um divertimento de grande distinção entre os nobres; reveste-se de um aspecto faustoso para o rei e os aristocratas que partem para imensas batidas acompanhados de suas mulheres e servidores, precedidos de músicos que tocam gongos e tambores, organizam-se em cortejos, a cavalo, sobre o dorso de elefantes ou em carros, escoltados por guardas armados. Quanto à guerra, lucrativa quando vitoriosa, obedece a regras que são descritas de maneira cada vez mais cuidadosa. É dirigida pelos xâtrias e pelo rei, ele próprio um combatente, o primeiro de todos, por definição. O exército compõe-se de infantes, de um corpo de cavaleiros, de elefantes e carros; as tropas são mercenárias ou então engajadas por um certo prazo; algumas especializam-se nos ataques nas montanhas ou florestas. A arte da guerra inclui, entre outras coisas, a construção dos fortes, o que exige grande número de diferentes noções

Enfim, outra fonte de rendas provém do imposto que, calculado segundo um sistema ponderal determinado, serve à manutenção do rei, de seus ministros, dos funcionários, do exército, das viúvas e dos indigentes. Tal imposto é acrescentado às vantagens que o rei tira das propriedades reais, constituídas por domínios agrícolas, florestas, minas, manufaturas e prisões. O imposto sustenta também as obras públicas relativas às estradas, aos canais de irrigações, aos reservatórios etc. Os outros beneficiários do imposto são os brâmanes e, em regiões budistas, os monges, que recebem, além disto, doações e oferendas; o próprio rei dedica importantes somas — ele é o único a ter o direito de cunhar moeda — à construção de fundações religiosas e a conferir-lhes a propriedade de terras cultiváveis e o pessoal necessário à sua exploração. Muitas vezes os nobres o imitam, da mesma forma que os comerciantes ricos, pois fazer incessantes doações ao sacerdócio é obra piedosa.”

André Aymard e Jeannine Auboyer. “O Oriente e a Grécia Antiga”.
In: *História geral das civilizações*, p. 294 e 295.

3. A China

A civilização chinesa remonta à Antiguidade. A valorização das artes e da beleza sempre foi uma característica marcante daquela sociedade. O texto a seguir fala do desenvolvimento artístico no período da dinastia Han, que governou a China de 206 a.C. até 220 d.C.

“Os bronzes que surgem após a época dos Tchou conservam os mesmos temas animais e obedecem às mesmas leis de estilização, mas são animados por um espírito diferente: em lugar do relevo acentuado e das formas brutais e um tanto pesadas da arte dos Tchou, temos agora adornos rasos, em que se alternam as zonas cheias e as superfícies repletas de finos meandros onde o ritmo resulta da harmonia entre os espaços ocupados e vazios e nos quais se aliam os temas animais e a ornamentação geométrica, trata-se de formas também fortes e dinâmicas, porém mais nítidas do que as de outrora. As silhuetas dos recipientes são devidas aos contatos entre os chineses e os bárbaros hunos, principalmente nas fivelas e nas argolas dos cintos, estas finamente cinzeladas; o conjunto destas jóias, dos espelhos e da baixela de bronze revela grande refinamento e real sensibilidade.

Com o desenvolvimento do comércio chinês sob os Han, com a extensão do Império, e devido às relações que a China de então mantém com o Ocidente, multiplicam-se as influências estrangeiras que passam a ser perceptíveis em múltiplas técnicas; são elas, entretanto, bem assimiladas e quase que completamente achinesacas. A arte dos Han — pelo menos naquilo que dela nos chegou — é mais diversificada que as artes precedentes: aos espelhos, à baixela de bronze, às peças de enfeite, de caráter tradicional, acrescentam-se a arquitetura funerária, as esculturas de estátuas ou de alto-relevo, uma numerosa série de terracotas, as primeiras tentativas no campo da cerâmica esmaltada, tecidos de seda e lacas decoradas. Tais técnicas revelam grandes progressos no manejo de diversos materiais, pesquisas ricas em promessas, um aumento do senso do objeto, assim é que o bronze, particularmente, é adamascado de ouro e prata, incrustado de esmalte, laca e

pedras (turquesa, malaquita, jade). O estilo dos Han caracteriza-se por uma grande liberdade na estilização e na composição, por uma vivacidade, uma animação das silhuetas e das linhas, por um naturalismo cheio de encanto, este estilo é, verdadeiramente, o reflexo desta época sedutora, durante a qual se funda a unidade chinesa, graças ao concurso de uma sociedade renovada, ávida de luxo, sensível à estética e, ao mesmo tempo, vigorosa e refinada.”

André Aymard e Jeannine Auboyer. “O Oriente e a Grécia Antiga”.
In: *História geral das civilizações*, p. 319 e 320

4. Índia irrita-se com homenagem a Vasco da Gama

“Esta época é apropriada para as comemorações dos 500 anos das Grandes Descobertas. Em 1992, os espanhóis festejaram a descoberta da América por Cristóvão Colombo, mas as comemorações provocaram violentos protestos por parte das comunidades indígenas. No ano 2000, será a vez de homenagear Pedro Álvares Cabral. Mas, antes, o ano de 1998 marcará outra data da ‘descoberta do mundo’: a abertura de uma rota direta para a Índia, através do Cabo da Boa Esperança, por Vasco da Gama.

Vasco da Gama fez-se à vela e zarpou de Portugal em 1497, com a idade de 30 anos. Chegou a Calicute (hoje Kazhikode, na costa de Malabar) no dia 18 de maio de 1498. Depois de aportar em Goa, Vasco da Gama voltou a Portugal, em setembro de 1499, dois anos após sua partida. Alguns anos mais tarde, em 1502, organizou uma segunda expedição com 15 navios, mas então não se tratava mais de explorar, de reconhecer, mas de impor o domínio português.

Vasco da Gama foi um grande e audaz navegador: alguns de seus marinheiros acreditavam que, no fundo desses mares desconhecidos, havia enormes imãs que atraíam os navios e os engoliam. Era portanto natural que Portugal pretenda celebrar a façanha no próximo ano, com festejos organizados com a Índia. Estava previsto financiar uma viagem para a Índia usando réplicas dos quatro navios que partiram do Tejo no dia 8 de julho de 1497 e organizar uma grande exposição internacional em Lisboa.

Contudo, a Índia, depois de ter dado uma resposta até favorável (e às vezes até mesmo entusiasta, como no caso do Estado de Kerala, no sul do país, que viu nisso uma promoção do turismo), inesperadamente ficou irritada. A imprensa lançou uma áspera campanha contra Vasco da Gama, descrito como uma das figuras centrais do ‘colonialismo europeu’ e deste desprezo que o Ocidente — tendo à frente Portugal, França e Inglaterra — sempre votou pelas civilizações diferentes. Entre os numerosos artigos vingativos publicados na Índia contra Vasco da Gama, podemos citar o de Claude Alvares, em *Índia Toda...* de Nova Delhi (esse Alvares é o promotor do Comitê Nacional Anticolonialista Contra os Festejos do 5º Centenário). ‘No fundo — diz Alvares — Vasco da Gama é um símbolo apropriado. Sabemos como ele semeou o terror nos portoados da costa ocidental da Índia. Conhecemos bem os atos feitos desse herói português, que bombardeou Calicute com tiros de canhão, que saqueava os barcos, mutilava seus prisioneiros, cortando-lhes os membros, antes de os pendurar nos mastros de seus navios.’ E o mesmo jornal continua: ‘Nos cinco séculos que se seguiram a essa data fatídica de 1498, não apenas a Índia conheceu a hegemonia

das potências européias, mas viu seu tecido social desagregar-se, suas populações serem maltratadas, seus recursos constantemente explorados e dilapidados e suas tradições religiosas ridicularizadas... Portugal pretende entregar-se a um puro exercício de auto-satisfação.' O historiador Indiano Sanjay Subrahmanyam retoma os mesmos argumentos e ridiculariza a mania das nações ocidentais de celebrar continuamente os aniversários de seus altos feitos do passado. Fala da 'retórica grosseira' que anima essas comemorações. Apesar disso, não se opõe às cerimônias que deveriam ser realizadas no ano próximo na Índia. Seu ponto de vista é o seguinte: seja qual for o aspecto desse acontecimento (neste caso a descoberta de uma rota direta para Calicute por Vasco da Gama), isso pertence à memória, ao passado da Índia e, portanto, não poderia ser apagado.

Os portugueses ficaram em parte espantados, em parte indignados perante essa demonstração de repúdio a Vasco da Gama. Negam que o navegador português tenha sido esse 'homem ávido, cruel e paranóico' descrito nos livros de Sanjay Subrahmanyam. O historiador Vitorino Magalhães, hoje com 79 anos, deixou de lado sua reserva e declarou: 'Os portugueses são tão idiotas que pagam estrangeiros para virem insultá-los em sua própria casa e espalhar disparates. Esse Sanjay Subrahmanyam é um imbecil refinado.'

Outro historiador português encarou com mais elevação esse acontecimento: 'Portugal — disse ele — não sabe tirar proveito de um acontecimento que está na base da História Universal: o encontro de três continentes — a Europa, a Ásia e a África.' É José Manuel Garcia, outro historiador, garante que a cólera indiana tem origem em 'círculos integristas e fundamentalistas hindus'."

Gilles Lapouge, de Paris para o jornal *O Estado de S. Paulo* [19 out. 1997].

Para obter outros textos publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, ou propostas de atividades, consulte o site **Estadão na escola** (www.estado-escola.com.br)



ATIVIDADES

- 1 Enquanto no Feudalismo a medida da riqueza era a terra, no Mercantilismo a medida da riqueza passou a ser:
 - a) o comércio;
 - b) as Cruzadas;
 - c) a moeda;
 - d) a realeza;
 - e) o feudo
- 2 Explique por que um dos pressupostos do Mercantilismo é o incentivo ao crescimento demográfico.
- 3 Explique a articulação entre a economia e a política no Mercantilismo expressa na seguinte afirmação: "É impossível fazer a guerra sem homens, manter homens sem soldo, fornecer-lhes o soldo sem tributos, arrecadar tributos sem comércio" (Antoine de Montchrétien. In: Pierre Deyon. *O Mercantilismo*, p. 51.)
- 4 (Unicamp-SP) O tempo, que do ponto de vista dos grandes capitalistas significava também dinheiro, se contrapõe à idéia conservadora de *espaço* representada pela propriedade imóvel da terra. (Adaptado de *História das grandes civilizações*.)
O texto acima trata da transição de um período histórico para outro.
 - a) Identifique essa transição
 - b) Caracterize a sociedade onde predomina o espaço e aquela onde predomina o tempo
- 5 (UFMT) Julgue os itens e escreva (V) se for verdadeiro ou (F) se for falso.
O Mercantilismo, política econômica adotada pelos Estados modernos, visava à unificação e ao poder do Estado e era garantido através da(o):
 - a) abolição das alfândegas internas
 - b) defesa do Liberalismo
 - c) tributação em escala nacional;
 - d) política tarifária protecionista;
 - e) sistema colonial, para complementar a economia metropolitana,
 - f) balança comercial favorável, visando ao ingresso do ouro e da prata
- 6 Estabeleça a relação da aliança entre o rei e a burguesia com a expansão marítima
- 7 No que se refere ao comércio internacional, as viagens portuguesas que encontraram o caminho marítimo para as Índias, provocaram:
 - a) a exploração de áreas coloniais na América;
 - b) a descoberta das especiarias do Oriente;
 - c) o enriquecimento dos cruzados através dos saques e pilhagens efetuados nas cidades do Oriente;
 - d) o incentivo às atividades manufatureiras na Europa;
 - e) o deslocamento do eixo econômico do Mar Mediterrâneo para o Oceano Atlântico
- 8 (Mackenzie-SP) As razões do pioneirismo português na expansão marítima dos séculos XV e XVI foram:
 - a) a invasão da Península Ibérica pelos árabes e a conquista de Calicute pelos turcos
 - b) a assinatura do Tratado de Tordesilhas por Portugal e pelos demais países europeus
 - c) um Estado liberal centralizado voltado para a acumulação de novos mercados consumidores
 - d) as guerras religiosas e a descentralização política do Estado e o fortalecimento dos laços servis
 - e) uma monarquia centralizada interessada no comércio de especiarias
- 9 Portugal e Espanha, no século XV, rivalizavam pelo controle sobre as rotas comerciais do Atlântico que eram, naquele tempo, a maior riqueza que um país poderia possuir.
Explique o acordo firmado entre Portugal e Espanha em 1494 (Tratado de Tordesilhas), de acordo com o contexto descrito acima.
- 10 (PUC-SP) "Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram,
Quantas noivas ficaram por casar!
Para que fosses nosso, o mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu"

Fernando Pessoa

O poema de Fernando Pessoa refere-se à conquista dos mares pelos portugueses no início da Era Moder-

DA EXPANSÃO EUROPEIA DO SÉCULO XV AO SÉCULO XVIII

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO D. LUIZ G. FERNANDES

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSOR: ALEXANDRINO

ORIENTADOR: ZENON SABINO

PLANO DE AULA

TEMA: Mercantilismo e expansão marítima

OBJETIVO GERAL: Mostrar que rumo ao capitalismo as primeiras monarquias europeias se fortaleceram bastante com a ajuda do mercantilismo

CONTEÚDO: Mercantilismo

A expansão marítima

A formação do reino espanhol

A formação de Portugal

O longo caminho para as Índias

A reação da Espanha

METODOLOGIA: Aula expositiva mostrando o mercantilismo como uma política econômica adotada pelas monarquias absolutistas do sec. XVI ao XVIII tendo como o seu sujeito e objeto o próprio Estado o qual aplicava as práticas mercantilistas para promover o seu fortalecimento

RECURSOS DIDÁTICOS: Aula expositiva, quadro e giz, projetor de slides, xerox digitado do esquema do capítulo

BIBLIOGRAFIA: PETTA, Nicolina Luíza de

História, uma abordagem integrada, vol. Único,
1ª. edição. Editora Moderna. S. Paulo, 1999.

MERCANTILISMO E EXPANSÃO MARÍTIMA

1- *MERCANTILISMO* - conjunto de teorias e práticas de intervenção econômicas surgidas na Europa a partir do século XV.

2- *AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO MERCANTILISMO* :

2.1- METALISMO - montante de metal amoldável entesourado.

2.2- BALANÇA COMERCIAL FAVORÁVEL - manutenção da balança comercial em superávit.

2.3- PROTECIONISMO ALFANDEGÁRIO - cobrança de taxas alfandegárias.

2.4- DEFESA DA PRODUÇÃO NACIONAL -

2.5- INCENTIVO AO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO- formar um mercado de mão-de-obra.

2.6- A INTERVENÇÃO DO ESTADO NA ECONOMIA-

3 - A RELAÇÃO ENTRE ECONOMIA E A POLÍTICA NO MERCANTILISMO

3.1 - A relação entre a economia e o poder político do mercantilismo se expressa na ALIANÇA ENTRE O REI E A BURGUESIA.

4- O TRABALHO NO SISTEMA MERCANTIL - exaltação do trabalho se opunha à valorização da ociosidade.

5 - A EXPANSÃO MARÍTIMA - resultado da economia mercantil.

5.1- O COMERCIO COM O ORIENTE- os artigos mais consumidos eram as jóias, perfume, tecidos de seda além de especiarias como a canela, cravo, açúcar, pimenta, noz-moscada.

5.2- DESENVOLVIMENTO TÉCNICO- cartografia, embarcações, bússola, astrolábio.

5.3- A MUDANÇA DO EIXO ECONÔMICO- foram os países que têm costa voltada para o Atlântico que ficaram com a vantagem no domínio das rotas de comércio na Europa.

6- A FORMAÇÃO DO REINO ESPANHOL

6.1- ORIGEM: Guerra da Reconquista.

7- A FORMAÇÃO DE PORTUGAL

7.1- Surgiu no contexto da luta pela expulsão dos mouros.

7.2- Dinastia de Borgonha (1139 - 1383)

7.3- Dinastia de Avis (1383 - 1580)

8- O LONGO CAMINHO PARA AS ÍNDIAS- ciclo oriental das navegações estava completado

9- A REAÇÃO DA ESPANHA- ciclo ocidental das navegações

9.1- As terras encontradas tornaram-se alvo de disputa entre os reinos ibéricos

9.2- Divisão das terras (TRATADO DE TORDESILHAS)

LEITURA E REFLEXÃO

Ritos da crueldade



Os conquistadores espanhóis escravizam os índios e marca-os como gado. O suor e o sofrimento dos índios geram os lucros dos conquistadores. Obra de Diego Rivera

Os espanhóis assassinaram milhões de índios e suas doenças dizimaram outros tantos, mas ver a conquista só por esse lado é ingenuidade.

Choca os espíritos sensíveis descobrir que a conquista das Américas pela Europa foi encharcada pelo sangue de milhões de indígenas, chacinados pelos espanhóis com frieza e até desdém. Lembram os críticos de Colombo e dos outros navegantes que os espanhóis não apenas mataram os nativos. Eles mataram com perversidade. Assavam os prisioneiros em grelhas. Enforcavam cativos em lotes de treze para homenagear o Redentor e seus doze apóstolos. Numa história do período, relatada em

tom solene por uma testemunha comovida, a maldade é tamanha que chega a alcançar um efeito cômico involuntário. Eis a história: um nativo estava amarrado em troncos para ser queimado quando um padre tentou orientá-lo para rezar e conquistar o céu no último minuto. *Os espanhóis vão para o céu?* perguntou o índio. *Então quero ir para o inferno, para ficar longe deles.*

É quase inevitável tomar o partido dos ameríndios. Mas será um equívoco imaginar, como está na moda entre os novos críticos de Colombo, que a conquista do Novo Mundo não passou de uma expedição sádica, na qual os bons selvagens foram torturados por espanhóis malvados. Muitos povos que habitavam as Américas eram mesmo humildes e pacíficos, mas havia também entre eles conquistadores ferozes. No México pré-colombiano, a civilização dos astecas era implacável com os vizinhos e assustava pela crueldade de seus rituais religiosos, que culminavam em matanças.

É indiscutível que houve uma cruzada de extermínio contra os nativos da América. A dúvida é saber quantos morreram e, até mesmo, quantos havia no hemisfério antes da chegada de Colombo. Não há números precisos. As estimativas populacionais mais baixas se aproximam dos 10 milhões de indígenas para as Américas. As mais altas, de 95 a 110 milhões. Alguns pesquisadores acreditam que pelo menos metade dessa população foi varrida por epidemias introduzidas com a chegada dos espanhóis (sarampo, tifo, varíola e escarlatina) ou pela lâmina das espadas.

Entre os grandes acontecimentos históricos, a descoberta da América é um dos mais controversos. Terá sido uma conquista heróica ou uma expedição que só serviu para dizimar inocentes e destruir culturas preciosas? O encontro dos indígenas com os europeus foi doloroso, mas será simples oportunismo ou ingenuidade tentar retratá-lo apenas por um de seus lados.

Veja, São Paulo, Abril, n. 42, 1991, p. 80-81
(texto adaptado)

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DOM LUIZ CONZAGA
FERNANDES
DISCIPLINA: **HISTÓRIA**
PROFESSORA: **ALEXANDRINO R. LIMA**
ORIENTADOR: **ZENON SABINO**
SÉRIE 6^a

AVALIAÇÃO

1. POR QUE O RENASCIMENTO SE CONSTITUI NUM EVENTO HISTÓRICO INAUGURAL DO PERÍODO MODERNO? CITE EXEMPLOS.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

Campina Grande, 07 de maio de 2001.

AVALIAÇÃO

De acordo com o acompanhamento de estágio supervisionado do aluno **ALEXANDRINO RODRIGUES LIMA** em suas atividades de prática de ensino, o aluno apresentou em toda sua fase de estágio excepcional preparação acadêmica, capacidade de expressão oral e escrita acima da média, bem como boa iniciativa, perseverança, maturidade, criatividade, motivação e relacionamento social, estando o referido aluno apto para desempenhar as suas atividades em quaisquer estabelecimento de ensino. Dessa forma, pela capacidade exercida em estágio supervisionado pelo orientando, atribuo a **NOTA 9,0 (nove)**.


Zenon Sabino de Oliveira
Professor - UFPB/DGH